

V Seminário de Estudos Medievais PEM-UERJ

CADERNO DE RESUMOS



Sumário

.....	1
DA LITERATURA AO FILME: A IDADE MÉDIA NAS HISTÓRIAS DE VIAGEM NO TEMPO	6
O ESTUDO DA IDADE MÉDIA A PARTIR DE FONTES AUDIOVISUAIS NA ESCOLA: PROPOSTAS DIDÁTICAS E REFLEXÕES PARA O ENSINO FUNDAMENTAL	1
AS APROXIMAÇÕES SOBRE O FLUXO MENSTRUAL: A PARTIR DAS ANÁLISES DE	2
HILDEGARD DE BINGEN.	2
ENTRE RITOS E CERIMÔNIAS: REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO DA COMUNIDADE CRISTÃ ROMANA ORIENTAL DO SEXTO SÉCULO	3
AS ORDENS MENDICANTES COMO INSTÂNCIAS DO REGIME DE VERDADE DA IGREJA ROMANA	4
A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO DE SÃO BOAVENTURA NA ALEGORIA DE DANTE ALIGHIERI	5
DANTE E A FLORESTA ESCURA: A OBRA E OS ELEMENTOS PRINCIPAIS EM A DIVINA COMÉDIA.	6
AS RELAÇÕES INSTITUCIONAIS ENVOLVIDAS NA CONSTRUÇÃO DA SANTIDADE: O CASO DE CLARA DE ASSIS (1194-1253)	7
AS CONTRIBUIÇÕES DE TROTULA DE SALERNO PARA A SAÚDE E APARÊNCIA DAS MULHERES MEDIEVAIS (SÉC. XI- XII).....	8
UMA ANÁLISE DO PESSIMISMO AGOSTINIANO SOB O OLHAR DE EMIL CIORAN	9
CATARINA E A CIDADE DE SIENA: TENSÕES E AUTORIDADE	10
ESCRITOS SOBRE A IMPERATRIZ TEODORA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE <i>HISTÓRIA DAS GUERRAS</i> (LIVRO I) E <i>HISTÓRIA SECRETA</i> DE PROCÓPIO DE CESAREIA	11
ASPECTOS SOBRE A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E PRIVADA DE SIR WILLIAM PLUMPTON ENTRE 1460-1480.....	12
REFLEXÕES SOBRE “ESTADO SEGMENTÁRIO” NA INGLATERRA ANGLO-SAXÔNICA: UM ESTUDO SOBRE O REINO DE WESSEX NO SÉCULO IX.....	13
O RELIGIOSO COMO CHAVE DE LEITURA PARA A COMUNICAÇÃO DO POLÍTICO NAS PREGAÇÕES NAS COMUNAS ITALIANAS TOSCANAS DO SÉCULO XV	14
NEM SÓ DE OCIDENTE VIVE O HISTORIADOR: PERCORRENDO AS CICATRIZES DAS INVASÕES VIKINGS NO LESTE EUROPEU	15
NOTAS SOBRE O DISCURSO A RESPEITO DAS FIGURAS MARGINAIS NO <i>MEMORIAL DAS PROEZAS DA SEGUNDA TÁVOLA REDONDA</i>	16
O CONCEITO DE TEATRO NOS ESTUDOS MEDIEVAIS: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	17
A FUNÇÃO DO REI LAICO IDEAL NA OBRA ESTADO E PRANTO DA IGREJA DE D. ÁLVARO PAIS E NA CRÔNICA GERAL DE ESPANHA DE 1344 DO CONDE PEDRO DE BARCELOS A PARTIR DA HISTÓRIA DE FERNANDO I, O MAGNO.	18
A HAGIOGRAFIA FÍLMICA COMO OBJETO DE PESQUISA E O FILME <i>QUO VADIS</i> DE 1951 ..	19
ANÁLISE DE PROPOSTA PEDAGÓGICA: O USO DE FILMES NO ENSINO DE IDADE MÉDIA .20	
AS RELÍQUIAS DE MULHERES SANTAS EM TEXTOS HAGIOGRÁFICOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA VIDA DE SANTA BRÍGIDA (HIBÉRNIA, C. 650) E DA VIDA DE LEOBA (GERMÂNIA, C. 836).....	21



ADVERSUS IUDAEOS: O PODER DA PALAVRA NO ESTABELECIMENTO DE FRONTEIRAS RELIGIOSAS NA CIDADE DE ANTIOQUIA NO SÉCULO IV.....	22
PARA ALÉM DA “ARTE DE TROVAR”: A CRIATIVIDADE DA POESIA TROVADORESCA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA	23
UMA APOLOGIA DE BERENGÁRIO DE TOURS: A POLÊMICA EM TORNO DA RELAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO A PARTIR DO DEBATE EUCARÍSTICO.....	24
HISTÓRIA PÚBLICA E ENSINO ATRAVÉS DO NEOMEDIEVALISMO: QUESTÕES POLÍTICAS E RELIGIOSAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	26
CONSTRUINDO A ORTODOXIA: A HERESIA SEGUNDO OS CONCÍLIOS DE LATRÃO (SÉCULOS XII E XIII).....	27
“EU, O MÍNIMO DE TODOS VÓS, VOSSO IRMÃO E SERVO”: A CONSTRUÇÃO DO ÉTHOS ANTONIANO.....	28
HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA ARABO-MULÇUMANA NUMA PERSPECTIVA DA <i>TRANSLATIO STUDIORUM</i>	29
O DISCURSO ECLESIAÍSTICO SOBRE ÀS PRÁTICAS SEXUAIS NO IV CONCÍLIO DE TOLEDO	30
"MEU CORPO É MEU GANHA-PÃO": SOBRE PROSTITUIÇÃO, TRABALHO E MARGINALIZAÇÃO NO MEDIEVO PORTUGUÊS	31
"DE BEM EM MAL E DE MAL EM PEIOR": UM MUNDO MEDIEVAL DECADENTE NA OBRA DE MARTIM MOXA	32
“SE’ TU GIÀ COSTÍ RITTO, BONIFAZIO?”: IGREJA E ESTADO NA <i>DIVINA COMÉDIA</i> , DE DANTE ALIGHIERI.....	33
O MÉTODO ESCOLÁSTICO EM TOMÁS DE AQUINO: DA <i>AUCTORITAS</i> À <i>DISPUTATIO</i>	35
A AUTOCONSCIÊNCIA HISTÓRICA DO MEDIEVO	36
NARRATIVAS ARTURIANAS COMO RECURSOS POLÍTICOS NAS FRONTEIRAS DO IMPÉRIO ANGEVINO (SÉCULOS XII E XIII).....	37
ANÁLISE DA POESIA RELIGIOSA DO POEMA “A SANTA CATALINA MÁRTIR” DE SANTA TERESA D’ÁVILA EM UMA ABORDAGEM DECOLONIAL	38
A LEI INVOCA CRISTO: OBSERVAÇÕES SOBRE O LUGAR DOS JUDEUS NA TRAJETÓRIA DE CESÁRIO DE ARLES (502-542).....	40
FIXOS E FLUXOS: RESISTÊNCIA E REVOLTA EM SANTIAGO DE COMPOSTELA (SÉC. XII)..	41
“NÃO FARÁ COISA ALGUMA SEM A OPINIÃO DO ECÔNOMO”: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE TEÓRICA VIÁVEL PARA PRÁTICAS ECONÔMICAS PRÉ-CAPITALISTAS A PARTIR DO CASO DO MONAQUISMO COPTA DO EGITO TARDO-ANTIGO.	42
IMPÉRIO ROMANO NO SÉCULO IV E A FÉ CATÓLICA: UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA.....	43
A CONSTRUÇÃO DA AUTORIDADE: O DISCURSO DE CHRISTINE DE PIZAN NA <i>QUERELLE DE LA ROSE</i>	44
O MANUSCRITO ILUSTRADO TACUINUM SANITATIS	45
O PURGATÓRIO DE SÃO PATRÍCIO NA LEGENDA ÁUREA (SÉC. XIII): REFLEXÕES SOBRE O ALÉM MEDIEVAL.....	46
AS CANTIGAS DE SANTA MARIA E A IDADE MÉDIA NO ENSINO ESCOLAR DE HISTÓRIA: PROPOSTAS DE ABORDAGEM	47
CONTROLAR A DESORDEM: OS METROPOLITAS DE KIEV E OS CONFLITOS RÉGIOS NA RUS (C.1097–C.1139).....	48



“A LANÇA EM TEU PEITO, COMPRA-A SE NÃO QUERES RECEBER O GOLPE”: VINGANÇA E COMPOSIÇÃO NOS RELATOS DE MILAGRES DO <i>MIDI</i> FRANCÊS (SÉCULOS XI E XII).....	49
O CONHECIMENTO DE SI NOS SERMÕES 36 37 NO COMENTÁRIO SOBRE O CÂNTICO DOS CÂNTICOS DE SÃO BERNARDO DE CLARAVAL (1090 – 1153).....	50
OS FABLIAUX E A REPRESENTAÇÃO DO PARAÍSO NA CULTURA POPULAR MEDIEVAL	51
FUROR E LOUCURA: A FILOSOFIA DE UM AMOR MÍSTICO EM GIORDANO BRUNO	52
A CONSTRUÇÃO DO REI CRISTÃO IDEAL: A ANÁLISE DA BÍBLIA DA CRUZADA (MS.M 638) E A IMAGEM COMO TRIBUTÁRIA DA PREGAÇÃO AOS SOBERANOS	54
OS CASAMENTOS REAIS DA DINASTIA BORGONHESA IBÉRICA (SÉC. XII-XIV) NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIROS: UMA ANÁLISE DOS TRABALHOS FINAIS PRODUZIDOS DESDE 1990.....	55
QUAL IDADE MÉDIA É ENSINADA EM TERRAS CARIOCAS?.....	56
A ICONOGRAFIA TRIFACIAL DA DOCTRINA TRINITÁRIA CRISTÃ NA BAIXA IDADE MÉDIA	57
É O DRAGÃO UM MONSTRO? NOTAS SOBRE IMAGINÁRIO E MONSTRUOSIDADE NO MEDIEVO	58
O REI, O HERÓI, O ÍCONE: A RICARDOMANIA VITORIANA E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM OITOCENTISTA DE RICARDO I.....	59
(NEO)MEDIEVALISMO NO BRASIL: O CASO DAS FEIRAS MEDIEVAIS.....	60
O EXÓRDIO DA EDUCAÇÃO NO SEIO DA IDADE MÉDIA E AS CONTRIBUIÇÕES DE GUILHERME DE OCKHAM (SÉC. XIV).....	61
A IDADE MÉDIA NA ANIMAÇÃO DIGITAL “RAMON LLULL” (2020): UM MUNDO DE CORES?	62
A PALA DE SANTA CLARA NO QUADRO DA ICONOGRAFIA CLARIANA DO SÉC. XIII.....	63
A POLÍTICA MATRIMONIAL DO REI AFONSO VI DE LEÃO E CASTELA NA <i>CHRONICON MUNDI</i>	64
O CONDESTÁVEL D. PEDRO DE PORTUGAL: UMA RELAÇÃO EXÍLIO E OBRA	65
BONIFÁCIO VIII E FELIPE IV, O BELO: O DECLÍNIO DO PODER PAPAL E A ASCENSÃO DOS ESTADOS NACIONAIS	66
CULTURAS VISUAIS COMPARTILHADAS ENTRE O MEDITERRÂNEO E A EUROPA DO NORTE: A ICONOGRAFIA DO GRIFO NA TAPEÇARIA DE BAYEUX COMO ESTUDO DE CASO	67
DEPREENSÕES ACERCA DAS PRÁTICAS DE CUIDADOS COM A SAÚDE EM PARIS – SÉCULOS XIII E XIV	68
ENTRE A CIDADE E A ESPADA: RELAÇÕES E CONFLITOS ENTRE JUDEUS E CRISTÃOS NA RENÂNCIA DURANTE A PRIMEIRA E SEGUNDA CRUZADAS (1096 – 1157).....	69
ESTÉTICA E JOGO DE PODER: O ARQUÉTIPO FEMININO EM TAMAMO-NO-MAE	70
CÓLERA DIVINA E IRA DOS HOMENS: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS EMOÇÕES NO PERÍODO CAROLÍNGIO (840-860)	71
A FONTE DE TODO MAL: A SEXUALIDADE FEMININA NO <i>MALLEUS MALEFICARUM</i>	72
É POSSÍVEL HISTORIOGRAFAR A ARTE ATRAVÉS DE BIOGRAFIAS NOS CANCEIROS OCCITANOS?	73
A IDADE MÉDIA EM CONTEÚDOS DIDÁTICOS DIGITAIS PARA A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	74
GREGÓRIO I E A POLÍTICA DOMÉSTICA: O PAPADO EM FACE DA ITÁLIA SUBURBICÁRIA (590-604).....	75

O COMBATE ENTRE O DOM CARNAL E A DONA QUARESMA NO <i>LIBRO DE BUEN AMOR</i>	76
ENTRE O TEXTO E O CONTEXTO – OS MANUSCRITOS DO ESTADO E PRANTO DA IGREJA, TRATADO POLÍTICO DE ÁLVARO PAIS (1275-1349/51), NO OCIDENTE TARDO MEDIEVO....	77
WYCLIFFE’S WICKET: A INTERPRETAÇÃO DA TEORIA DOS DOIS CAMINHOS DE JOHN WYCLIFFE E O CRISTIANISMO DE MINORIAS NA INGLATERRA MEDIEVAL.....	78
IDADE MÉDIA, O SURGIMENTO DA MODA: LEGISLAÇÃO SUNTUÁRIA.....	79
A DEMONIZAÇÃO COMO CONTROLE SOCIAL: UM ESTUDO COMPARADO DE HAGIOGRAFIAS CASTELHANAS DO SÉCULO XIII	80
ENTERRAMENTOS <i>AD SANCTOS</i> : CONTINUIDADES E RUPTURAS NOS ESPAÇOS FUNERÁRIOS CRISTÃOS NA ANTIGUIDADE TARDIA	81
MARIA NA PATRÍSTICA.....	82
AS RELAÇÕES DE PODER NO REINO VISIGODO: A PERSPECTIVA DE JOÃO DE BICLARO SOBRE CONFLITOS E COOPERAÇÕES	83
CULPAS NÃO ASSUMIDAS: A SOLICITAÇÃO DO PERDÃO RÉGIO EM PORTUGAL (1435-1438)	84
A FUNDAÇÃO DA GAFARIA DE SÃO LÁZARO: UMA BREVE SÍNTESE HISTÓRICA DA LEPROA NO REINO DE PORTUGAL, NA CIDADE DE COIMBRA NOS SÉCULOS (XIII-XIV).....	85
IDENTIDADE CATÓLICA E GÊNERO NA PRIMEIRA IDADE MÉDIA: REFLEXÕES A PARTIR DA HAGIOGRAFIA DE AGOSTINHO DE HIPONA DEDICADA À MÔNICA (SÉCULO IV).....	86
A MARGINALIZAÇÃO DO FEMININO E AS ALEGORIAS MEDIEVAIS COMO ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NOS TEXTOS MÍSTICOS DE AUTORIA FEMININA.....	87
RESUMO DE FORMAÇÃO DA SOCIEDADE JUDAICA ASQUENAZITA NA RENÂNCIA MEDIEVAL	88



DA LITERATURA AO FILME: A IDADE MÉDIA NAS HISTÓRIAS DE VIAGEM NO TEMPO

Adrielle Costa¹

Em 1889, Mark Twain publica o romance *Um ianque na corte do rei Artur*. A experiência de Hank Morgan, um americano do século XIX, no reino de Artur é narrada na obra. Morgan é funcionário de uma fábrica de armas que, após sofrer uma pancada na cabeça, acorda no ano de 528. Nesse passado, ele estranha as leis e costumes que regem o mundo arturiano, pois as considera opostas aos ideais de liberdade e de progresso da sociedade americana. O estranhamento do personagem é um dos meios pelo qual a ambientação medieval é construída e, através dessa visão, conhecemos uma Idade Média. Essa história foi interpretada, reinterpretada e modificada na televisão americana na segunda metade do século XX. Esta comunicação tem como objetivo apresentar o romance de Mark Twain e as releituras televisivas da obra nas décadas de 1980 e de 1990 nos Estados Unidos. Nesta etapa, iremos nos concentrar em filmes cujo personagem que viaja no tempo é interpretado por atrizes negras, a saber: “*Na corte do rei Artur*” (1989) e “*Uma Cavaleira em Camelot*” (1998). Neles será discutido a inclusão das personagens de Keshia Pulliam (Karen) e de Whoopi Goldberg (Dra. Vivien Morgan) na Távola Redonda. Observamos que não pretendemos examinar a representação da Idade Média sob à luz da Medievalística, mas entender a alusão à época nas ficções no âmbito da própria Medievalidade.

Palavras-chave: Viagem no tempo; Idade Média; Filme.

¹ Mestranda no PPGHC/UFRJ. adrielle.costa11@gmail.com



O ESTUDO DA IDADE MÉDIA A PARTIR DE FONTES AUDIOVISUAIS NA ESCOLA: PROPOSTAS DIDÁTICAS E REFLEXÕES PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Amaro Jose de Souza Neto¹

A pesquisa busca debater o uso de fontes imagéticas para ajudar a compreender as unidades de História Medieval no Ensino Fundamental, partindo da tese de que tal uso pode ajudar a assimilação cultural por parte dos estudantes em busca de uma aprendizagem significativa. As principais fontes usadas serão alguns livros didáticos das últimas duas décadas e a versão mais recente da Base Nacional Comum Curricular, buscando relacionar e sugerir possíveis usos de fontes audiovisuais complementares no ambiente do Currículo em Ação. Elementos medievais estão presentes em muitos conteúdos veiculados nas redes como filmes, séries e jogos que fazem parte do cotidiano dos alunos, aproveitar esse elo pode auxiliar a construir um vínculo maior com a matéria ao mesmo tempo que ajuda a desconstruir estereótipos sobre uma Idade Média redundante e metódica. O uso de tais ferramentas audiovisuais pode facilitar que os estudantes estabeleçam relações de passado e presente mais marcantes com temáticas medievais, enxergando melhor a recorrência de aparatos e conhecimentos da época que estão presentes no seu dia a dia. As diretrizes mais recentes da BNCC, nas Competências Específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental também reforçam a importância desse uso, a diretiva nº 07 trata do exercício da linguagem iconográfica para estimular o engajamento dos estudantes. O estudo também se relaciona com as Competências Específicas de História de utilizar as formas de tecnologias atuais para aprofundar a relação que os estudantes criam com os conteúdos, símbolos e signos, ao mesmo tempo que exercitam o uso dos *gadgets*, tão demandados na atualidade.

Palavras-chave: Ensino de História; Idade Média; Humanidades digitais; História digital.

¹ Pós-graduando Especialização em Ensino de História (PROPGPEC Colégio Pedro II) Bacharel e Licenciado em História (Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ). amariosouzaneto@gmail.com

AS APROXIMAÇÕES SOBRE O FLUXO MENSTRUAL: A PARTIR DAS ANÁLISES DE HILDEGARD DE BINGEN.

Amanda da Cruz Xavier¹

Esta comunicação pretende comparar alguns elementos da literatura médica medieval a respeito do fluxo menstrual nos escritos de Hildegard de Bingen. Hildegard de Bingen nasceu, em 1098, na localidade de Bermersheim, próxima a Mainz. Foi uma monja beneditina, mística, teóloga, compositora, médica e naturalista. Foi considerada santa e doutora pela Igreja Católica e conduzia as suas pesquisas utilizando plantas medicinais. Busco considerar as relações referentes ao ciclo menstrual, bem como perceber se os procedimentos utilizados estão relacionados à teoria humoral. Esta discussão será norteada a partir dos livros escritos por Hildegard de Bingen *De Las Causas Y Remedios De Las Enfermedades* (2013) traduzido por José Maria Puyol e *Aforismos de Hipócrates*(2003) traduzido por José Dias de Moraes, assim como utilizarei como base teórica o artigo de Jurgen Kocka *Para Além da Comparação* (2014).

Palavras-chave: Tratados Médicos; Literatura Medieval; História das Mulheres.

¹ Graduanda pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Programa de Estudos Medievais (PEM –UERJ). E-mail:amanda_cruzxavier@yahoo.com.br. A produção do presente artigo contou com a orientação da Prof^a. Dr^a Marta de Carvalho Silveira, Professora Adjunta de História Medieval da UERJ.



ENTRE RITOS E CERIMÔNIAS: REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO DA COMUNIDADE CRISTÃ ROMANA ORIENTAL DO SEXTO SÉCULO

Ana Maria de Oliveira¹

Durante o governo de Justiniano, o Grande (527-565), a *ekklēsia* de *Hagía Sophía* atingiu o ápice de seu valor religioso ao passar por uma reconstrução, concluída no ano de 537. Esses sentimentos foram evocados nos relatos de Procópio de Cesareia (490-562) ao longo do *Livro I* das *Construções*, assim como no poema *Descrição de Hagía Sophía*, elaborado por Paulo Silenciário (?-580). Por meio destas narrativas, entendemos que, através dos ritos e cerimônias cotidianas, ocorria a manutenção da crença no cristianismo ortodoxo, pois, no momento em que os fiéis adentravam a edificação para rezar, eram elevados na própria fé diante da sensação despertada de estarem em Sua Própria Morada. Por sua vez, quando de lá partiam, sua alegria estava em conversarem sobre os momentos vivenciados naquele ambiente. Tal entusiasmo, portanto, passava a ser sentido dentro e fora dos espaços da *ekklēsia*, mantendo-os unidos como comunidade. Deste modo, a presente comunicação tem por objetivo levantar reflexões sobre como a utilização diária de *Hagía Sophía* pela comunidade cristã romana oriental servia de ferramenta para a manutenção da fé nesta religião.

Palavras-chave: Cristianismo Ortodoxo; *Hagía Sophía*; Século VI.

¹ Mestra em História pela UFPR. anamaria.0893@gmail.com

AS ORDENS MENDICANTES COMO INSTÂNCIAS DO REGIME DE VERDADE DA IGREJA ROMANA

André Rocha de Oliveira¹

A presente comunicação tem por objetivo apontar a contribuição dos frades mendicantes (dominicanos e franciscanos) para a manutenção do regime de verdade da Igreja Romana durante o século XIII. Em constante construção/reconstrução desde o século XI, esse regime busca viabilizar os interesses da instituição eclesiástica nas diversas relações de poder em que está inserida por meio do controle sobre a produção e circulação daquilo que deverá ser reconhecido como “verdade” pela sociedade. Para isso, discursos são escolhidos, mecanismos são produzidos, instâncias são reconhecidas, maneiras de transmissão são avalizadas e os status são demandados para estabelecer o que é verdadeiro e o que é falso perante o conjunto social. Entendendo as ordens dominicana e franciscana como instâncias aptas a atuar nesse regime, apresentaremos como a inserção (e difusão) dos frades nos mais variados espaços e sua atuação a serviço do papado os legitimam em tal tarefa.

Palavras-chave: Ordens mendicantes; Igreja Romana; Regime de verdade.

¹ Doutorando – PPGHC/UFRJ. andrero1898@gmail.com

A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO DE SÃO BOAVENTURA NA ALEGORIA DE DANTE ALIGHIERI.

André Fonseca dos Santos¹

Este trabalho pretende investigar, em primeiro lugar, se é possível encontrar uma influência do pensamento de Boaventura de Bagnoregio sobre a analogia universal na forma em que Dante Alighieri aborda a alegoria, particularmente na *Commedia*. Parte da hipótese deste trabalho é que existe tal influência, ainda que indiretamente, e que compreender essa influência pode ajudar-nos a entender melhor uma fonte de inspiração religiosa da alegoria de Dante. Uma das hipóteses desta pesquisa é a de que Boaventura traduz a experiência de Francisco de Assis para uma dimensão conceitual e Dante, por sua vez, assimila algo dessa experiência e a traduz para uma dimensão poético-alegórica. Para desenvolver o argumento, dividimo-lo em três partes: em primeiro lugar, buscaremos contextualizar o pensamento de Boaventura, em particular sua forma de conceber a analogia universal, e apresentá-lo como uma tradução da experiência de Francisco de Assis; depois, mostraremos, em uma abordagem histórica, em que medida e de que forma Dante assimilou essa experiência; por fim, apresentaremos como hipótese de que essa experiência é fator importante para a compreensão da alegoria do poeta florentino, em especial tal como concebida na *Commedia*.

Palavras-chave: Alegoria; Franciscanismo; Analogia Universal

¹ Mestrando em Filosofia na UFPa (Universidade Federal do Pará).
andrefonsantos@gmail.com



DANTE E A FLORESTA ESCURA: A OBRA E OS ELEMENTOS PRINCIPAIS EM A DIVINA COMÉDIA.Andrea Alves Bastos Menegatte¹

A comunicação se propõe à tentativa de interpretação dos grandes temas humanos e religiosos retratados por Dante Alighieri em *A Divina Comédia*. O livro carrega em si três narrativas distintas que se complementam. Nos deteremos na primeira parte onde Dante acompanhado pelo poeta romano Virgílio faz uma viagem ao Inferno. A tradução que utilizaremos é a feita por José Pedro Xavier Pinheiro. Para estabelecer um debate historiográfico, teremos o apoio de teses defendidas com publicações reconhecidas que utilizem *A Divina Comédia* como fonte primária de suas pesquisas. Ainda dentro do campo historiográfico, Richard Warrington Baldwin Lewis, biógrafo e crítico literário acerca da vida e obra de Dante, nos ajudará a entender o complexo desenvolvimento dos temas e a época em que o poeta escreveu *A Divina Comédia*. A presente comunicação faz parte dos trabalhos iniciais do projeto de pesquisa para conclusão do curso de História da UERJ que tem por objetivo identificar se existiu uma base comum presente nos discursos verbais e visuais acerca do imaginário do Inferno nos indivíduos dos séculos XIV ao XV em regiões da Europa Ocidental cristã.

Palavras-chave: Inferno; Dante Alighieri; A Divina Comédia.

¹ Graduanda em História pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
andrea.menegatte@hotmail.com



AS RELAÇÕES INSTITUCIONAIS ENVOLVIDAS NA CONSTRUÇÃO DA SANTIDADE: O CASO DE CLARA DE ASSIS (1194-1253)

Andréa Reis Ferreira Torres¹

A presente comunicação tem por objetivo abordar uma das etapas da nossa pesquisa de doutorado, desenvolvida sob a orientação da Prof^a Andréia Frazão, no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O estudo versa sobre o papel de liderança espiritual ocupado por mulheres a partir da comparação de quatro casos e documentos: Marie d’Oignies (†1213), Clara de Assis (†1253), Guglielma de Milão (†1281-2) e Marguerite Porete (†1310). Em todos os quatro casos é possível identificar um conjunto de práticas e crenças e de instituições com as quais as mulheres e suas comunidades dialogavam em diferentes tipos de relacionamento. Para fins dessa comunicação, nos concentramos no caso de Clara de Assis, com o objetivo de abordar quais as instituições estiveram envolvidas tanto em sua trajetória de vida religiosa quanto na construção e oficialização de sua santidade após sua morte. Nos interessa ainda verificar como se davam as relações institucionais expressas nos chamados “primeiros documentos” das fontes clarianas, ou seja, aqueles produzidos quando Clara ainda estava viva e os referentes ao período logo posterior à sua morte. Nos interessa particularmente compreender como a atuação de Clara e suas “damas pobres” era percebida pela hierarquia eclesiástica e como essa percepção foi registrada nos documentos que oficializam sua santidade.

Palavras-chave: Clara de Assis; Canonização; História das Mulheres; Península Itálica

¹ Doutoranda PPGHC-UFRJ. andrearfortres@hotmail.com



AS CONTRIBUIÇÕES DE TROTULA DE SALERNO PARA A SAÚDE E APARÊNCIA DAS MULHERES MEDIEVAIS (SÉC. XI- XII).

Andressa Rocha Lima¹

Não é novidade que quando se fala em saúde das mulheres no medievo, logo se pensa em Trotula de Salerno; o conteúdo abordado em suas obras se tornou um forte expoente para o desenvolvimento da medicina feminina no Ocidente medieval. Acredita-se que a médica teria nascido no Sul da Itália entre os séculos XI e XII, exercia medicina e lecionava na renomada Escola Médica de Salerno, e tem seu nome ligado aos textos *Liber de Sinthomatibus Mulierum*, *De Cures Mulierum* e *De Ornatu Mulierum*, formando o famoso compêndio Trotula, escritos primeiramente em latim e, mais tarde traduzidos para várias línguas vernaculares. E é acerca dessa figura misteriosa que se tem inúmeras discussões e controvérsias; a maioria delas ligadas à sua existência, gênero e autoria dos tratados. Mesmo que a prática e literatura médica medieval fossem dominadas pelos homens, algumas mulheres se destacaram na escrita e prática da medicina no século XII, como é o caso documentado de Constanza Calenda de Salerno e, no vale do Reno, a freira e profeta Hildegarda de Bigen. Diante de tais impasses, os tratados ligados à Trotula são fontes ricas pois refletem o pensamento medieval acerca dos assuntos femininos relacionados à medicina e à cosmética. A produção medicamentosa era a principal forma para se cuidar da aparência e saúde das mulheres, sua composição reunia ingredientes de variadas origens; vegetal, animal e mineral. Desta forma, propomos uma análise das receitas de cosméticas prescritas pela *Matrona* no tratado *De Curis Mulierum*, ao passo que estes cuidados terapêuticos e estéticos listados fornecem indícios que as mulheres medievais também se cuidavam, e essas práticas não se distanciam dos cuidados que as atuais realizam.

Palavras-chave: Mulheres; Cosmética; Saúde.

¹ Mestranda em História pelo PPGH-UFG. andressa_lima@discente.ufg.br



UMA ANÁLISE DO PESSIMISMO AGOSTINIANO SOB O OLHAR DE EMIL CIORAN

Andrey Augusto Fonseca Farias¹

Este trabalho vem com a proposta de expor o pessimismo do filósofo Agostinho de Hipona acerca da negação da vida para uma expectativa de salvação eterna, para isso precisa negar esta vida e buscar viver, para ele, uma vida santificada, com isso, tudo que seja prejudicial à alma, que a afaste do Sumo Bem, deve ser rejeitado. No pensamento de Agostinho, aqueles que erraram no passado e desejam essa salvação eterna devem se arrepender como forma de expiação, nesse pessimismo agostiniano existe um suicídio, mas não no sentido de matar o corpo, podemos dizer que é uma morte do ser para que possa viver novamente uma vida correta, se arrependendo, para garantir a sua salvação. Vendo desta perspectiva, o trabalho vem ainda com a proposta de trabalhar o filósofo Emil Cioran como um crítico ao pensamento agostiniano, um filósofo pessimista para analisar como Santo Agostinho pensava a negação da vida, já que Cioran a nega totalmente em suas obras *Nos cumes do desespero* e *Breviário da Decomposição*, textos que são exemplos para esse pensamento de negação da vida.

Palavras-chave: Pessimismo; Negação; Salvação.

¹ Graduando em Filosofia – Universidade Federal do Pará.
andrey.farias.3954@gmail.com



CATARINA E A CIDADE DE SIENA: TENSÕES E AUTORIDADEAntonio Gabriel Guindane da Silva Barbosa¹

Catarina de Siena provinha de uma família de pequenos comerciantes voltados ao tingimento de tecidos, que se encontrava em ascensão junto à comuna. Ela nasceu em 1347; a vigésima terceira filha do casal Lapa Piacenti e Jacopo di Benincasa. Participou ativamente da vida pública de Siena, mediando conflitos e aconselhando pessoas de diferentes estratos sociais. Viveu em pobreza e castidade em uma pequena cela em sua própria casa e dedicou-se aos necessitados da cidade. Também desenvolveu uma produção literária e atuou junto ao papado na agência do seu retorno de Avignon para Roma. Ainda em vida já possuía seguidores e admiradores e, após sua morte, foi canonizada pela Igreja Romana e reconhecida como uma das doutoras da Igreja na década de 1970. Em nossa comunicação apresentaremos as conclusões parciais da reflexão sobre o epistolário de Catarina. Visto a sua forte ligação com a comuna de Siena, priorizamos a análise de uma de suas cartas endereçada aos dirigentes da cidade, em um momento de tensão entre ela e os governantes. Nosso objetivo principal é discutir e identificar os artifícios utilizados por Catarina para defender suas posições e reafirmar seu papel de autoridade. Ressaltamos que essa apresentação é vinculada à pesquisa de monografia, que ainda se encontra em fase de desenvolvimento. Esse trabalho monográfico é desenvolvido junto ao projeto coletivo *Hagiografia e História: um estudo comparativo sobre a santidade* e ao Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEM-UFRJ).

Palavras-chave: Catarina de Siena; Cartas; Comuna;

¹ Graduando pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
antoniogguindane@gmail.com



**ESCRITOS SOBRE A IMPERATRIZ TEODORA: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA DE *HISTÓRIA DAS GUERRAS* (LIVRO I) E *HISTÓRIA
SECRETA* DE PROCÓPIO DE CESAREIA**

Aylla Maria Alves dos Santos¹

Considerado um dos principais historiadores da Antiguidade Tardia, Procópio de Cesareia distingue-se por suas obras: *História das Guerras*, *História Secreta* e os *Edifícios*, tido como as principais fontes do governo do imperador Justiniano (527-565), como também da sua consorte, a imperatriz Teodora (527-548). Nesta perspectiva, este trabalho pretende apresentar apontamentos iniciais acerca da caracterização da imperatriz Teodora nos escritos *História das Guerras* (Livro I) e *História Secreta*. Na primeira obra Procópio apresenta uma imperatriz perspicaz que desempenha um papel político notável em um momento de crise do império, na Revolta de Nika. No entanto, na segunda obra suas críticas explícitas e depreciativas da imperatriz se tornam evidentes ao esbanjar os atributos que faltavam a nossa protagonista e que segundo Cesareia eram imprescindíveis a uma imperatriz, como a virgindade e a linhagem aristocrática. Essas discordâncias na narrativa da imperatriz encontram aproximações, quando observado a natureza das ações de Procópio de Cesareia, a desmoralização de Justiniano por meio de sua consorte. Desta forma, consideramos inicialmente, que apesar de sua escrita ser pejorativa afirmando o ideal para o feminino em Bizâncio do qual Teodora se encontra muito distante, contribui para exaltar seu papel público e político.

Palavras-chave: *História Secreta*; *História das Guerras* (Livro I); imperatriz Teodora.

¹ Mestranda em História PROHIS-UFS. E-mail: ayllaalvess@gmail.com



**ASPECTOS SOBRE A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E PRIVADA DE SIR
WILLIAM PLUMPTON ENTRE 1460-1480**Beatriz Breviglieri Oliveira¹

As coletâneas de cartas da família Plumpton foram encontradas e compiladas, pela primeira vez, no século XVII pela *Camden Society*, uma sociedade de antiquários inglesa. E, assim como demais documentos de famílias do mesmo período da história inglesa, tais quais as famílias Paston e Cely, a correspondência e documentos dos Plumpton são igualmente reconhecidos como riquíssimas fontes primárias sobre a sociedade dos séculos XV e XVI. Ao longo dos anos, pouco se foi produzido historiograficamente sobre a família e os trabalhos sobre os documentos e cartas da família são escassos. As edições de Thomas Stapleton (1839) e Joan Kirby (1996), cujas versões das cartas — e no caso de Kirby, acrescentam-se também demais documentos selecionados referentes a contratos e documentos legais — são as únicas edições que existem atualmente sobre a correspondência da família. Sabendo da importância desse material, propomos um estudo de caso sobre alguns aspectos = da administração da Família Plumpton (1460 - 1480) a partir das cartas e documentos (em particular, os da edição de Kirby), partindo da contextualização histórica do período das Guerras das Rosas, buscando identificar e analisar na documentação selecionada da família, as relações de poder entre a família, nobres da região — em particular os Percy; as posições e cargos legais e administrativos ocupados por sir William Plumpton e como se conectam com os laços de amizade e casamento da família Plumpton com demais famílias da região norte da Inglaterra.

Palavras-chave: Correspondência familiar; Século XV; Inglaterra.

¹ Doutoranda em História Medieval. Universidade de Lisboa (FLUL).
msbreviglieri@gmail.com / beatriz.oliveira2@edu.ulisboa.pt



REFLEXÕES SOBRE “ESTADO SEGMENTÁRIO” NA INGLATERRA ANGLO-SAXÔNICA: UM ESTUDO SOBRE O REINO DE WESSEX NO SÉCULO IX

Breno Silva Teixeira¹

Márcia Santos Lemos²

O presente estudo tem por objetivo discutir as perspectivas idealista e materialista de Estado para pensar as sociedades pré-capitalistas, centrando o enfoque no conceito de Estado Segmentário e sua aplicação ao contexto histórico da Inglaterra anglo-saxônica medieval do século IX. A concepção idealista tem como referência o pensamento hegeliano sobre o Estado burocrático, que utiliza do espírito das leis para construir uma forma estatal supostamente neutra. Com Weber, o Estado é compreendido sob a ótica legalista e institucional, capaz de promover a ordem na sociedade por meio da racionalidade do direito e do poder administrativo tanto quanto do monopólio da coação física legítima. Já na concepção marxiana, o Estado é resultado de uma sociedade cindida em classes sociais, marcada pela divisão social do trabalho e apropriação da riqueza pelos sujeitos não produtores. Desse modo, trata-se de um instrumento para regular e afirmar a dominação da classe não produtora sobre a classe trabalhadora, diferente da perspectiva idealista que suprime os conflitos dos processos de formação estatal. A teoria materialista do Estado Segmentário, concentra sua análise em cinco aspectos: (1) há uma soberania territorial reconhecida, mas enfraquecida em áreas afastadas do poder central; (2) o poder central coexiste com poderes locais; (3) há uma administração especializada que é reproduzida em menor escala pelos poderes locais; (4) o poder central não possui o monopólio da força; (5) a lógica de dominação central é reproduzida no âmbito local. No sentido de verificar esses aspectos na realidade anglo-saxônica e refletir sobre a forma estatal no século IX, sob o governo de Alfred, o Grande, no Reino de Wessex, são analisadas as Crônicas Anglo-Saxônicas e a biografia do Rei Alfred.

Palavras-chave: Alta Idade-Média; Inglaterra Anglo-saxônica; Estado Segmentário.

¹ Graduando da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
brenoteixeira03@gmail.com

² Prof. Dra. da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
marcialeemos.uesb@gmail.com

O RELIGIOSO COMO CHAVE DE LEITURA PARA A COMUNICAÇÃO DO POLÍTICO NAS PREGAÇÕES NAS COMUNAS ITALIANAS TOSCANAS DO SÉCULO XV

Bruno Alves Coelho¹

Em torno da virada do século XII para o XIII a arte predicativa passou por um significativo processo de mudança, isto é, a emergência do *sermo moderno*, uma técnica oratória que consolidava séculos de oratória sacra e que, por sua vez, perduraria na Igreja latina até o século XIX. Todavia, o sermão moderno teve seu desenvolvimento lado a lado ao da oratória pública, isto é, a *concio*: comunicação política ou de assembleia que passou a marcar as comunas italianas desde o século XII. Posta esta íntima relação entre pregação e discurso político cívico, nosso trabalho aborda as Pregações em Vernáculo (*Le Prediche Volgari*) do franciscano Bernardino de Siena (1380-1444) tidas em sua cidade natal, Siena, na Praça do Campo Santo em 1427. Embora o religioso salte aos olhos do historiador contemporâneo, ressaltamos que a dimensão religiosa dos sermões não encobre ou secundariza a comunicação do político, mas, são características que avançam na argumentação do Pregador de mãos dadas e não podem ser entendidas ou tomadas, sem prejuízo de sentido, separadamente. A fim de demonstrarmos que a pregação “religiosa” é também ocasião da comunicação do político, vamos tomar um segundo testemunho da pregação de Bernardino: a famosa pintura de Sano di Pietro (ca. 1445) que atesta imagetivamente a inseparável relação entre o político e o religioso.

Palavras-chave: Pregação medieval; Bernardino de Siena; Comunas italianas.

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: brunodasein@gmail.com



NEM SÓ DE OCIDENTE VIVE O HISTORIADOR: PERCORRENDO AS CICATRIZES DAS INVASÕES VIKINGS NO LESTE EUROPEU

Caio de Amorim Féo¹

Por mais que a historiografia medieval atual esteja numa crescente tomada de consciência acerca da necessidade de superar o tradicional exclusivismo ocidental nas análises históricas, especialmente ao incorporar regiões outras do globo, como o Leste europeu, a Ásia e a África, trata-se ainda de uma movimentação pouco contundente. No que diz respeito à escandinávica, e de modo mais preciso a área que estuda o chamado Período Viking, as considerações sobre os fenômenos sociais desencadeados no Leste do globo não são um terreno inexplorado. Entretanto, falta ainda mobilizar esforços de modo que se torne possível compreender esses fenômenos como compondo um quadro maior, cujo conteúdo consiste na manifestação de uma integração com os acontecimentos no Ocidente medieval. Seguindo essa premissa, a presente comunicação tem por objetivo analisar as *razias* vikings feitas especialmente nas regiões bálticas e no território onde se constituiu, em fins do século IX e primeira metade do X, a(s) unidade(s) política(s) Rus. Pretendemos, com isso, dar maior visibilidade aos estudos de regiões ainda pouco exploradas na historiografia medieval brasileira, dando ênfase às categorias em alta nos trabalhos mais recentes acerca do medievo, como etnicidade, identidade e Idade Média Global.

Palavras-chave: Historiografia; Idade Média Global; Vikings.

¹ Doutorando em História pelo PPGH-UFF. caiofeo@id.uff.br

**NOTAS SOBRE O DISCURSO A RESPEITO DAS FIGURAS MARGINAIS NO
MEMORIAL DAS PROEZAS DA SEGUNDA TÁVOLA REDONDA**Caio Rodrigues Schechner¹

Não obstante os significativos avanços no campo de estudos dos livros de cavalaria – gênero literário e editorial de grande sucesso na península Ibérica entre os séculos XV e XVII – desde a virada do milênio (MEGÍAS, 2004-2005), muitos de seus aspectos ainda permanecem ignorados ou pouco pesquisados pelos especialistas. Sem dúvida, um deles é o que venho chamando, em minha pesquisa, de “figuras marginais” (GEREMEK, 1989). Se é evidente que o referido *corpus* textual representa de maneira fundamentalmente positiva seus protagonistas, os cavaleiros, tornando-os modelares tanto no aspecto marcial quanto moral (MARÍN PINA, 2011), o que se poderia dizer, por sua vez, a respeito dos personagens à margem de seus critérios de valoração? Com tal reflexão em mente, a proposta desta comunicação é oferecer, a partir da análise do *Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda* (1547), do autor português Jorge Ferreira de Vasconcelos, algumas respostas provisórias para as seguintes interrogações: existiria um discurso – no sentido que lhe dá Foucault (2014), destarte intimamente relacionado ao conceito de “poder” – sobre as “figuras marginais” no referido título? Se sim, que figuras seriam essas, e quais seriam os critérios de sua marginalização? E, por fim, que implicações as respostas a tais interrogações teriam para o estudo da História, mais especificamente da história social de Portugal do século XVI?

Palavras-chave: Livros de cavalaria portugueses; Discurso; Marginalidade.

¹ Doutorando – Universidade Federal Fluminense (UFF). caio.schechner@gmail.com



O CONCEITO DE TEATRO NOS ESTUDOS MEDIEVAIS: REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Camille Ferreira Leandro¹

O termo ‘teatro’ reúne múltiplos significados consonante o campo de estudo e o período histórico. A etimologia da palavra é grega (*theatron*) e significa “lugar para ver”. Na terminologia dos logradouros cênicos da Grécia, *theatron* correspondia à plateia, anteposta à orquestra, envolvendo-a como três lados de um trapézio ou semicírculo. No final do século XV e início do século XVI, ter-se-ia o teatro moderno, cuja preferência seria a perspectiva, a harmonia e a sistematização matematicamente precisa da arte. Definição mais contemporânea, o crítico teatral Sábato Magaldi explica que o vocábulo abrange ao menos duas acepções fundamentais: o imóvel em que se realizam os espetáculos e uma arte específica, transmitida ao público por intermédio do ator. No que concerne à Idade Média, a historiografia do século XIX consolidou no cenário acadêmico a ideia de uma quase inexistência da manifestação artística. A situação se deve, em larga medida, ao fato dos estudiosos associarem o teatro à atividade literária e, dela, não haver registros em grande quantidade. No entanto, estudos mais recentes fomentaram o conhecimento de diferentes expressões da arte cênica, estudando-as não somente através dos textos preservados, mas também de documentos que, explicitamente ou implicitamente, mostram ou aludem à atividade teatral durante a Idade Média. Esse trabalho se propõe a explorar as formas pelas quais se construiu a concepção de teatro por meio da historiografia.

Palavras-chave: Teatro; Historiografia; Idade Média.

¹ Mestre pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

camilleferreiraleandro@hotmail.com



A FUNÇÃO DO REI LAICO IDEAL NA OBRA ESTADO E PRANTO DA IGREJA DE D. ÁLVARO PAIS E NA CRÔNICA GERAL DE ESPANHA DE 1344 DO CONDE PEDRO DE BARCELOS A PARTIR DA HISTÓRIA DE FERNANDO I, O MAGNO.

Carlos Thadeu Freire da Costa¹

Durante a Idade Média e particularmente, a Baixa Idade Média, a função do rei e da monarquia foi se tornando objeto de múltiplas reflexões, por diferentes pensadores. Nesta comunicação, teremos por objetivo analisar como esta figura foi pensada por dois pensadores diferentes, o franciscano e bispo Galego de Silves em Portugal, D. Álvaro Pais (c.1275-1349) e o conde D. Pedro de Barcelos (1287-1350). O primeiro é o exemplo do intelectual clerical e hierocrata, expondo suas ideias através de tratados no qual defendia a supremacia do poder papal, ainda que defendesse um espaço e uma função ao rei laico. Já o segundo, é um dos principais expoentes da nobreza portuguesa do século XIV e embora não tenha escrito tratados, em suas obras, realça-se também uma determinada função para a realeza. De modo a facilitar a exposição, veremos qual era o papel para esta figura defendido pelo bispo de Silves em sua obra-prima, Estado e o Pranto da Igreja e como o conde D. Pedro, defendeu também um papel para a realeza na exposição da história do rei Fernando Magno, encarado por ele, como um monarca exemplar da Hispânia cristã. Ao fim da apresentação, poderão ser percebidas semelhanças e diferenças destes dois autores sobre a percepção de qual deve ser a função da realeza, ainda mais em um cenário de fortalecimento do poder régio como era o Portugal de D. Afonso IV (reinado: 1325-1357) e a diversidade do pensamento medieval sobre a mesma.

Palavras –Chave: Realeza; D. Álvaro Pais; Conde D. Pedro.

¹ Mestre em História pelo PPGH UFF. thadecosta@uol.com.br



A HAGIOGRAFIA FÍLMICA COMO OBJETO DE PESQUISA E O FILME *QUO VADIS* DE 1951

Carlos Eduardo Beda Gomes¹

O presente trabalho se vincula ao projeto coletivo *Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade*, que é realizado no âmbito do Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEM - UFRJ) e junto ao qual atuo como bolsista de Iniciação Científica. Essa pesquisa, dentre outros temas, objetiva analisar as variadas manifestações no campo da hagiografia fílmica, decorrentes, sobretudo, do frutífero encontro entre a tradição hagiográfica medieval e o mundo audiovisual do cinema. Neste sentido, nossas reflexões visam o diálogo entre religião e cinema, bem como trazem à tona uma série de questões, sejam elas dogmáticas ou narrativas, presentes no momento da concepção, produção e circulação do “filme hagiográfico”. Na minha comunicação, apresentarei reflexões desenvolvidas no âmbito da equipe de pesquisa sobre o filme *Quo Vadis* de 1951. A análise da dessa película busca, a partir da investigação crítica de tal filme e da confrontação com variado material bibliográfico e de fontes, entender as interações e complexidades presentes no amplo contexto da hagiografia fílmica, discutindo os seus significados ao longo da história até a atual conjuntura investigativa. Tal análise proporciona frutíferos debates e interpretações acerca dos diálogos entre passado, presente e futuro, como procurarei demonstrar.

Palavras-chave: Hagiografia; *Quo Vadis*; Vida dos Santos.

¹ Graduando em História Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
c.beda@hotmail.com



ANÁLISE DE PROPOSTA PEDAGÓGICA: O USO DE FILMES NO ENSINO DE IDADE MÉDIA

Christiana Gomes de Mesquita Bianchi Baylo¹

O uso de obras cinematográficas em sala de aula pode promover a diversidade da construção do conhecimento histórico. Por ser de fácil acesso e transformar pessoas em personagens de fácil identificação, o recurso audiovisual tem o poder de reter a atenção do espectador que elabora, a partir dele, uma compreensão dos acontecimentos históricos. No ensino de Idade Média, assim como em outras áreas do ensino de História, há relatos de docentes sobre as dificuldades em reter a atenção dos alunos durante as aulas. Pensando nisso, iremos analisar como um filme pode nos auxiliar a contornar esse obstáculo e servir como instrumento para viabilizar o ensino de aspectos da Idade Média. Usando como exemplo a película “O Rei” (2019), dirigido por David Michôd e baseado nos livros de William Shakespeare, onde foi apresentada a história de Henrique V de Lancaster, pretendemos estabelecer um debate sobre como o uso desta obra pode contribuir ou prejudicar no ensino da Idade Média e na reprodução de estereótipos sobre esse período.

Palavras-Chave: ensino de História; cinema; Idade Média.

¹ Graduanda em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista PRODOCENCIA-UERJ no projeto “Idade Média, ensino e pesquisa” sob a orientação da Profa. Dra. Marta de Carvalho Silveira. E-mail: chrisbaylo2002@gmail.com

**AS RELÍQUIAS DE MULHERES SANTAS EM TEXTOS HAGIOGRÁFICOS:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA VIDA DE SANTA BRÍGIDA (HIBÉRNIA,
C. 650) E DA VIDA DE LEOBA (GERMÂNIA, C. 836)**

Clarissa Mattana de Oliveira¹

Nossa comunicação tem como objetivo analisar duas narrativas hagiográficas no que concerne às relíquias de mulheres santas. Os documentos em questão são a Vida de Santa Brígida, produzida na região que hoje conhecemos como Irlanda (Hibérnia), por volta de 650; e a Vida de Leoba, concluída em cerca de 836, nas proximidades de Mainz, na atual Alemanha (Germânia). Tanto Brígida quanto Leoba viveram em contextos de expansão da religião cristã e organização da Igreja, e atuaram como abadessas de importantes comunidades monásticas de suas regiões. O fenômeno do culto aos santos tem como uma de suas características a preservação e vereação de relíquias associadas a esses homens e mulheres ditos excepcionais. Fossem elas objetos, partes corporais ou mesmo os restos mortais completos, as relíquias eram consideradas um meio de conexão entre os fiéis e divino, visto que supostamente garantiam, no plano terreno, a permanência do poder intercessório daqueles considerados santos e santas. Por isso, as relíquias foram alvos e ferramentas em disputas de poder ao longo de todo o Medievo. Os hagiógrafos de Brígida e Leoba, que escreveram em diferentes realidades espaço-temporais, teceram diferentes narrativas sobre as relíquias dessas mulheres. Em nossa análise, que está relacionada ao nosso projeto de tese de doutoramento, buscaremos discutir, por uma perspectiva comparativa, o papel dos textos hagiográficos nas disputas de poder em que as comunidades que os produziram estavam envolvidas.

Palavras-chave: Hagiografia; Relíquia; Mulheres.

¹ Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). cla.mattana@gmail.com



ADVERSUS IUDAEOS: O PODER DA PALAVRA NO ESTABELECIMENTO DE FRONTEIRAS RELIGIOSAS NA CIDADE DE ANTIOQUIA NO SÉCULO IV.

Débora Rodrigues de Souza.¹

João Crisóstomo, conhecido como “boca de ouro”, é um dos pais da Igreja e é autor de uma série de obras de grande relevância para a mesma. Nasceu na cidade de Antioquia mas não é conhecido o ano de seu nascimento. Estima-se que foi na data de 347 ou 349. Tendo sido apresentado à fé cristã pela sua mãe, é batizado no ano de 368 e percorre um caminho que o conduz à função de representante da Igreja. Em 386 Crisóstomo é ordenado presbítero e no período de 386-397 ganha grande popularidade na cidade de Antioquia por conta de seus discursos proferidos na catedral da cidade conhecida como “Igreja Dourada”. É nesta igreja que ele profere uma série de homilias que são conhecidas como *Adversus Iudaeos* (Contra os Judeus). No decorrer de oito discursos enunciados à sua congregação entre os anos de 386-387, Crisóstomo denuncia judeus e principalmente cristãos judaizantes que observavam os costumes judaicos e que participavam de seus festivais. Esta apresentação se propõe a expor resultados preliminares da análise discursiva feita da obra tendo como foco as técnicas retóricas utilizadas por Crisóstomo na representação discursiva que ele faz dos judeus de Antioquia. Para tanto, nos valem de reflexões teóricas de Bernard Cerquiglini e J.A.Hansen.

Palavras-chave: João Crisóstomo; Retórica; Judeus.

¹ Licenciada em História (UFRRJ), mestre em História (UERJ) e doutoranda em História (UERJ).

PARA ALÉM DA “ARTE DE TROVAR”: A CRIATIVIDADE DA POESIA TROVADORESCA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Déborah Vitoria de Melo Prazeres¹

Durante o desenvolvimento dos estudos literários em língua portuguesa, o trovadorismo, embora primeiro movimento literário português, ocupou apagado lugar de pouco destaque quando comparado às escolas literárias posteriores. Essa “menor importância” foi justificada com base nos argumentos da “pouca criatividade” e “da rigidez formal e temática” supostamente presente nas cantigas trovadorescas, devido às convenções estabelecidas no tratado “A Arte de Trovar”, o qual fixava uniformes modelos de composição poética. Entretanto, ao observar, é comum encontrar simbiose de gêneros entre a produção das cantigas. Essa percepção e análise cuidadosa da produção trovadoresca mostra que, apesar dos modelos de composição pré-fixados, os trovadores conseguiram criar poesias criativas, como na cantiga de Rodrigo Anes de Vasconcelos, “aquestas coitas que de sofrer hei”, canonicamente apresentada como cantiga de amor, mas que estabelece relações com outros gêneros da época. Dessa forma, pode-se lançar um outro olhar para a poesia medieval e perceber suas qualidades e inovações, além de sua influência na formação da língua portuguesa e também de sua literatura.

Palavras-chave: Cultura medieval; Poesia galego-portuguesa; Cantigas de amor.

¹ Licencianda em Letras Licenciatura - Português Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). deborah.prazeres@ufpe.br



UMA APOLOGIA DE BERENGÁRIO DE TOURS: A POLÊMICA EM TORNO DA RELAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO A PARTIR DO DEBATE EUCARÍSTICO

Diego dos Anjos Azizi¹

Muitos autores sustentam que o século XI de nossa era se configurou como aquele em que se constituiu, de fato, uma filosofia medieval latinófona, momento em que a especulação filosófica toma uma forma específica, se desenvolvendo e se consolidando até o advento da chamada Modernidade, no alvorecer do século XV. As preocupações com a linguagem, com seu poder e seu alcance, as relações possíveis entre as palavras e as coisas foram se aprofundando e se aprimorando, balançando e, ao mesmo tempo, estreitando os laços que ligavam a filosofia e a teologia, a razão e a fé, a dialética e a revelação. Berengário de Tours é um dos pensadores que vai contribuir radicalmente para as reflexões mais apaixonadas sobre as relações entre filosofia e teologia, entre razão e fé. No centro das discussões entre os chamados “dialéticos e anti-dialéticos”, está a nunca envelhecida controvérsia eucarística (já iniciada no século IX). Berengário foi acusado, principalmente por Lanfranco de Pádua, de negar a existência real do corpo de Cristo no processo eucarístico e de apenas sustentar sua importância figurativa, simbólica, intelectual. Berengário foi, além de mal compreendido, extremamente repreendido por sua suposta tese contrária à transubstanciação, tendo sido perseguido pela Igreja, tendo sido excomungado e submetido à retratação e negação de suas próprias ideias. Tentarei mostrar como, até hoje, Berengário é injustiçado, seus textos ignorados e apenas uma visão pálida e equivocada de suas ideias permanece, majoritariamente, sendo discutida. Minha intenção é apresentar a profundidade e a potência da filosofia de Berengário, iniciador de uma tradição filosófica riquíssima, que permanece até nossos dias.

Palavras-chave: Berengário de Tours; Eucaristia; Dialética.

¹ Doutorando em Filosofia (UFPR) e Professor da Unifai. diegoazizi1@gmail.com



MENTALIDADE, IMAGINÁRIO E IDEOLOGIA: CONTRIBUIÇÕES DA ÉCOLE DES ANNALES PARA (RE)CRIAÇÃO DO IMAGINÁRIO MEDIEVAL

Guilherme Aguiar Gomes¹
Domingos Dutra dos Santos²

O artigo apresenta olhares sobre as relações do imaginário e o cotidiano na sociedade europeia medieval a partir de fontes escritas e da cultura material. Nosso intento também é fornecer análises das investigações historiográficas empreendidas por importantes historiadores do medievo, como Jacques Le Goff, Hilário Franco Junior, Jean-Claude Schmitt, Phillipe Ariès, André Vauchez, entre outros, a fim de fazer a distinção correta entre os termos mentalidade, imaginário e ideologia. Discutiremos as relações entre a cultura clerical e a cultura popular que compõem esse imaginário e suas representações. A História das Mentalidades ganhou espaço nas discussões historiográficas graças a partir da terceira geração dos Annales. Abordará não só a proposta da *École des Annales* para a renovação do método de pesquisa historiográfico utilizado em fins do século XIX e no alvorecer no século XX – o político – mas também os conceitos de mentalidade e imaginário apresentados por Georges Duby e por Jacques Le Goff/Hilário Franco Júnior que foram retirados do livro *A História Continua* e do ensaio “*O Fogo de Prometeu e o Escudo de Perseu. Reflexões sobre Mentalidade e Imaginário*”. Conforme mostrará esta pesquisa, a definição dada pela Escola dos Anais para o vocábulo mentalidade coaduna com a acepção primeira dessa palavra em língua francesa (mentalité, de 1842), de acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Justifica a existência deste texto a necessidade de divulgação – que ainda há – dos pensamentos da *École des Annales* – sobretudo quanto ao conceito de mentalidade, de modo a mostrar que a Literatura e a História podem e devem caminhar juntas, com vista à construção duma História mais viva, rica e crítica.

¹ Graduando em História pela Universidade Federal do Maranhão, Bolsista de Iniciação de Científica sob orientação do Prof. Dr. Alexandre Guida Navarro; Integrante do grupo de estudo: Camelot – Grupo de Estudo em História Medieval (UFMA); E-mail: GuilhermeAguiar022@outlook.com

² Mestre em História pela Universidade Estadual do Maranhão; Integrante do Núcleo de Pesquisa e Extensão sobre África e o Sul Global (NeÁfrica). E-mail: dutradomingos09@gmail.com

HISTÓRIA PÚBLICA E ENSINO ATRAVÉS DO NEOMEDIEVALISMO: QUESTÕES POLÍTICAS E RELIGIOSAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Éderson José de Vasconcelos¹
Raisa Sagredo²

Buscando debater os usos e abusos do período medieval através das categorias de análise do Medievalismo e do Neomedievalismo, o trabalho traz reflexões que articulam as demandas da História Pública com o Ensino. A partir da experiência de Estágio Docência na disciplina de *Laboratório de Ensino: História Pública, Audiovisual e Novas Mídias*, foi possível identificar um crescente ressurgimento da Idade Média no imaginário brasileiro perpassada por um emaranhado de questões de cunho identitário, de intolerância e de memória. Foram analisados dois recortes temáticos do Brasil contemporâneo: o aspecto político e religioso. O primeiro compreende as representações da extrema Direita e de setores conservadores - estudados por Paulo Pachá (2019) e Carlile Lanzieri Júnior (2021) - que visam debater como a Idade Média passa a ser narrada, compreendida, e até mesmo fabricada por estes setores políticos. Já o aspecto religioso será abordado através de representações atuais sobre bruxas que ligam sujeitos em diferentes contextos à bruxaria diabólica tida pelo senso comum e até mesmo pela cultura *pop* como fenômeno tipicamente medieval (CASTRO, 2018), estereótipo este que permanece um estigma para algumas minorias religiosas. Nosso objetivo com a presente comunicação é debater questões pertinentes para ambos os campos de estudo (político e da História das Religiões). Nossas indagações basilares: como, na memória coletiva de diversos grupos, a Idade Média está sendo lembrada? Que impactos sociais tais representações têm? De que forma a História Pública pode, neste caso, (re)pensar o Ensino de História?

Palavras-chave: Brasil Contemporâneo; Ensino; Neomedievalismo.

¹ Doutorando em História/ UFSC – Universidade Federal da Santa Catarina.
ederson_vasconcelos@hotmail.com

² Doutoranda em História/ UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.
raisawsagredo@gmail.com



CONSTRUINDO A ORTODOXIA: A HERESIA SEGUNDO OS CONCÍLIOS DE LATRÃO (SÉCULOS XII E XIII)

Eduardo Jorge Chíxaro Sarraff de Rezende¹

Este trabalho pretende apresentar o resultado de nossa monografia sobre o tema da heresia e sua relação direta com a defesa de uma pretensa Ortodoxia pela Igreja romana durante a Idade Média Central, bem como tal heresia fora forjada pelos Concílios Lateranenses dos séculos XII e XIII. Vale destacar que este objeto impõe a abordagem de processos históricos, tais como a Crise da Religiosidade e a Reforma da Igreja como instrumento de adequação às demandas existentes à época e que teriam modificado pontos importantes de sua estrutura institucional e da sua Ortodoxia, esta entendida como discurso de poder. Como podemos perceber com o auxílio da historiografia, desde a sua institucionalização, a Igreja serviu-se dos Concílios para direcionar muitas das suas ações, incluindo a forja da sua Ortodoxia por meio da criação da heresia enquanto alegava apenas combatê-la. Em outras palavras, nosso argumento é que os Concílios participavam da criação daquilo que afirmavam contraditar. Com isso, iremos analisar a questão da heresia nos Concílios Lateranenses à luz das contribuições teóricas da História das Religiões, dos ensinamentos do filósofo francês Michel Foucault e também em diálogo direto com a historiografia que se dedica à temática.

Palavras-chave: Concílios Lateranenses; Heresia; Ortodoxia.

¹ Graduando - UNIRIO. eduardo.sarraff@edu.unirio.br

“EU, O MÍNIMO DE TODOS VÓS, VOSSO IRMÃO E SERVO”: A CONSTRUÇÃO DO ÉTHOS ANTONIANO

Émili Feitosa de F. Olenchuk¹

O frade franciscano Antônio de Lisboa/Pádua, entre 1227 e 1231, compôs cinquenta e três sermões dominicais, vinte sermões festivos e quatro sermões dedicados às festas de Nossa Senhora. O principal objetivo dessas composições foi oferecer material teológico consultivo para pregadores e leigos cultos que desejassem adquirir conhecimento sólido e seguro para a edificação espiritual de suas próprias almas e/ou para o desenvolvimento de sermões. Por trás desse objetivo basilar, encontrava-se outro: a construção do pregador ideal. Por meio de análises dos sermões, foi possível verificar a existência de três vias imprescindíveis a essa construção: a vida virtuosa, a ciência sã e a eloquência expedita. Por serem vias interligadas, esta comunicação aborda resumidamente as duas primeiras e tece considerações mais amplas sobre a terceira, com o objetivo de desvelar a construção do *éthos* discursivo antoniano a partir da análise do “Prólogo” e do sermão intitulado *O súdito humilde abrandando a ira do prelado soberbo* sob o enfoque da retórica sistematizada por Aristóteles em *Retórica*.

Palavras-chave: Santo Antônio; Sermões; Retórica.

¹ Doutor/UERJ. emilysfeitosa@gmail.com

HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA ARABO-MULÇUMANA NUMA PERSPECTIVA DA *TRANSLATIO STUDIORUM*.

Me. Emily Fonseca de Souza¹

Essa análise pretende confrontar algumas das principais teses da história da historiografia muçulmana, escrita por Franz Rosenthal em 1956, e que continua a ser referência nos estudos historiográficos islâmicos até os dias atuais. Em *História da historiografia muçulmana*, Rosenthal propõe uma análise de excepcionalidade da historiografia árabe, a deslocando de seu território e das confluências e convergências dos povos e culturas que ocuparam os mesmos territórios por onde o império islâmico se espalhou. Tendo como base para a crítica à Rosenthal uma abordagem metodológica da história global e, sobretudo, os processos de transferência de saberes, no contexto da história do pensamento da *translatio studiorum*, pretendemos apresentar alguns caminhos para compreender a historiografia árabo muçulmana sob uma perspectiva mais ampla e relacionada. Discutiremos algumas de suas continuidades e rupturas no contexto dos povos e culturas com os quais conviveram e mantiveram contatos culturais e intelectuais.

Palavras chave: História do pensamento; Historiografia; História medieval árabo muçulmana.

¹ Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo. emily.souza@usp.br

O DISCURSO ECLESIAÍSTICO SOBRE ÀS PRÁTICAS SEXUAIS NO IV CONCÍLIO DE TOLEDO

Érica Vieira da Silva¹

A desarticulação do Império Romano do Ocidente marcou historicamente o fim de um período e o começo de outro, fim esse que não implicou, no entanto, na extinção completa de suas práticas. Um exemplo disso, verifica-se na sociedade visigótica que se estabeleceu na Península Ibérica no século V, marcada pela forte presença do cristianismo e, conseqüentemente, pela importância atribuída aos Concílios. Nesse cenário, a presente pesquisa tem como objetivo compreender o IV Concílio de Toledo na dinâmica política e religiosa da sociedade visigoda no século VII, por meio da análise documental das atas conciliares do IV Concílio de Toledo, disponíveis no livro “Concílios Visigóticos e Hispano-Romanos” de José Vives e com foco nos cânones que se referem às práticas sexuais (direta ou indiretamente). Possuindo como base, o trabalho de autoras referências no estudo do reino visigótico, tais como Leila Rodrigues da Silva e em pesquisadoras recém doutoradas como - Cristiane Vargas Guimarães. Metodologicamente pretendemos nos valer das reflexões do filósofo Michel Foucault sobre os discursos, atentando especialmente para a manifestação da vontade de verdade no IV Concílio de Toledo e a potencial materialidade desse discurso no reino visigótico.

Palavras-chave: Reino Visigótico; IV Concílio de Toledo; Práticas sexuais.

¹ Graduanda em História – UNIRIO. ericasonserina@gmail.com

"MEU CORPO É MEU GANHA-PÃO": SOBRE PROSTITUIÇÃO, TRABALHO E MARGINALIZAÇÃO NO MEDIEVO PORTUGUÊS

Flávia Vianna do Nascimento¹

A noção de trabalho infame parte da existência de ocupações mal vistas pela sociedade medieval. Tintureiros, açougueiros, carrascos, artistas e soldados são algumas das categorias cujo exercício não era bem aceito por alguns setores sociais no medievo. Contudo, não significa que sujeitos praticantes dessas atividades estejam completamente excluídos do tecido social. Não era diferente com as mulheres que exerciam a prostituição. Vista como pecado pela Igreja, julgada e tolerada pela sociedade, a atividade, mesmo assim, ocorria dentro das cidades. Dialogando com os estudos contemporâneos sobre prostituição - que entendem a trabalhadora do sexo como trabalhadora precarizada - e também com a ideia de marginal, relativa ao período medieval, o presente trabalho pretende apresentar as relações entre prostituição, marginalização e leis sobre o trabalho. O ponto de partida para a análise são algumas leis sobre o meretrício contidas no Livro de Leis e Posturas, publicado durante o século XIV.

Palavras-chave: Marginalização; Prostituição; Leis.

¹ Mestranda em História – Universidade Federal Fluminense (UFF).
viannaflavia@id.uff.br



**"DE BEM EM MAL E DE MAL EM PEIOR": UM MUNDO MEDIEVAL
DECADENTE NA OBRA DE MARTIM MOXA**Gabriel Moreira de Vargas¹

Este trabalho tem como foco de pesquisa o movimento poético medieval conhecido por trovadorismo, especificamente o trovadorismo galego-português. Utilizando as poesias trovadorescas como fonte histórica, visamos um maior aprofundamento na compreensão da cultura medieval, com um olhar voltado às questões escatológicas e críticas à sociedade medieval daquele momento. Ao abordar esta fonte a partir de uma análise do discurso, usando como base a autora Eni Orlandi, trataremos de contextualizar o pensamento do trovador medieval Martim Moxa àquele momento histórico e àquela sociedade galega medieval. Martim Moxa foi um clérigo-trovador galego que produziu poesias trovadorescas, ou cantigas, em diferentes gêneros, porém o maior enfoque para o presente trabalho serão as de sirventês moral, o subgênero proveniente do movimento trovadoresco provençal. A partir dos conceitos de “decadência” e “regresso”, presentes na obra de Le Goff, e de “mundo às avessas”, presente na obra de Spina, trataremos de analisar as críticas morais e a noção escatológica cristã presente na mentalidade medieval, através do pensamento pessimista de um trovador galego do século XII-XIII.

Palavras-chave: Cultura Medieval; Trovadorismo Galego-português; Sirventês.

¹ Graduando em História - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. moreiravargas@edu.unirio.br



“SE’ TU GIÀ COSTÍ RITTO, BONIFAZIO?”: IGREJA E ESTADO NA *DIVINA COMÉDIA*, DE DANTE ALIGHIERIGiovanna de Campos Mauro¹

A disputa entre a autoridade secular e a eclesiástica, abordada por Dante Alighieri na *Monarquia*, permeia todas as três *cantiche* da *Divina Comédia*. O presente trabalho, parte dos resultados parciais da pesquisa *Chiesa e Impero, Politica e Religione: un'analisi della corruzione della Chiesa e del papato nella Commedia, di Dante Alighieri*, tem como objetivo analisar a presença das críticas à corrupção eclesiástica e ao papado no Canto XIX do *Inferno*, primeira *cantica* da *Divina Comédia*, no qual Dante e Virgílio atravessam a terceira *bolgia* do oitavo círculo, local em que encontram os simoníacos, hereges que vendiam objetivos sagrados (SERMONTI, 2007). Os poetas decidem parar a viagem para conversar com o papa Nicolau III e ouvem a profecia da condenação de Bonifácio VIII e Clemente V (v. 52-87). As imagens do *contrappasso* dantesco sobre a simonia e sobre a figura do papa Bonifácio VIII serão analisadas pelo trabalho, bem como as razões pessoais e filosóficas de Dante Alighieri para a condenação do papa. Pretendo, com a análise, demonstrar como o papel de Bonifácio na política italiana e no exílio de Dante, juntamente com sua posição sobre as relações entre a Igreja e o Estado, seriam os responsáveis pela animosidade do personagem-poeta Dante em relação à figura histórica e fictícia do líder da Igreja.

Palavras-chave: Dante Alighieri; *Divina Comédia*; Corrupção Eclesiástica.

¹ Graduanda - Università degli Studi di Padova, Itália.
giovanna.decamposmauro@studenti.unipd.it

VOZ EM PERFORMANCE MUSICAL NO INFERNO DE HIERONYMUS BOSCH

Grasiela Prado Duarte de Oliveira¹

O estudo analisa um recorte, detalhe contido especificamente no Inferno (painel lateral) do tríptico “Juízo Final” (1500-1505) de Hieronymus Bosch, em que observamos uma alma condenada sofrendo suas penas eternas, que representam uma *performance* musical vocal, em caráter de tortura. A pesquisa se inicia em sucinta contextualização do artista e da obra citada, para mais especificamente nos situarmos no Inferno criado por Bosch. Em artigo anterior empenhamos a análise musical ao escrito partiturado contido no painel e ao estudo dos instrumentos musicais em função tortura musical, compondo o Concerto Infernal. Nosso escopo investigativo agora consiste na questão do por que Bosch representa a penalização da alma feminina, deste recorte do painel, com o canto? Seria a música um catalizador do pecado, quando em execução na voz da mulher? Propomos também a contextualização da *performance* vocal feminina do período e qual sua função naquela sociedade. As fontes de pesquisa abordadas neste estudo contam também com obras especializadas na iconografia musical na arte do tardo medievo e renascença, além da contextualização da imagética infernal.

Palavras-chave: Inferno; Canto feminino; Hieronymus Bosch.

¹ Titulação: Mestre (UNIFESP). e-mail: grasidoliveira@hotmail.com

O MÉTODO ESCOLÁSTICO EM TOMÁS DE AQUINO: DA *AUCTORITAS* À *DISPUTATIO*

Guilherme Henrique Borin¹

Entre as pesquisas que tratam dos modelos escolares desenvolvidos durante a Idade Média, é de capital importância as investigações acerca do método escolástico elaborado e usado nas Universidades ao longo do século XIII. Portanto, buscamos perscrutar os procedimentos metodológicos subjacentes à construção e reprodução do conhecimento a partir das obras de Tomás de Aquino. Para tanto, porém, é necessário analisar essas mesmas obras enquanto fontes históricas e resultados de seu magistério, como mestre de teologia na Universidade de Paris, cotejando-as com a historiografia disponível sobre o período. Nesse sentido, o trabalho é dividido em três partes: na primeira, se expõe o contexto histórico do mestre de Aquino, analisando a situação histórica externa e interna da Universidade de Paris e da ordem dominicana a qual Tomás pertencia; na segunda, se esboça a concepção de Tomás de Aquino sobre a educação e o aprendizado, contrastando-a com o modelo escolar anterior, reverberado pelas escolas catedrais; na terceira, enfim, analisamos os princípios teórico-metodológicos que orientam a construção do pensamento de Tomás, a saber, autoridade (*auctoritas*) e razão (*ratio*), e como estes são articulados pelo mestre nos procedimentos pedagógicos de leitura (*lectio*) e debate (*disputatio*) veiculados pela universidade da época.

Palavras-chave: Educação; Escolástica; Tomás de Aquino.

¹ Graduando da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). guilherme-borin@hotmail.com



A AUTOCONSCIÊNCIA HISTÓRICA DO MEDIEVO

Autor: Hiago Maimone da Silva Rebello

1

A Idade Média Central é conhecida por ter despertado a consciência do Homem Ocidental. Normalmente esse tema é explorado dentro da consciência moral e no trato ético que a Filosofia irá desenvolver, assim como a presença da renovação religiosa alavancada pela Reforma Monástica e a interação maior entre o clero e o mundo dos leigos. A temática, no entanto, pode ser abordada e desenvolvida por outros ângulos, observando outras mudanças que podem ter ocorrido dentro da guinada de consciência e através das causas da mesma dentro das novidades intelectuais que modificaram o cenário europeu, em sua intelectualidade. A autoconsciência coletiva, isto é, como os medievais viam a “si” próprios no que tange suas sociedades, como encaravam seu próprio tempo dentro da História, comparando-se com outros períodos. A investigação de fontes do século XII, como as de João de Salisbury e a de Otto de Freising, podem ajudar a explorar esse aspecto, onde seus pensamentos a respeito de seus próprios períodos frente aos anteriores mostra como suas próprias épocas eram valorizadas frente ao passado, e como o entendimento medieval da História e do empenho humano ocorria no século XII.

¹ Graduado e Mestre em História Medieval pela Universidade Federal Fluminense.
Contato: Hiagorebello27@gmail.com



NARRATIVAS ARTURIANAS COMO RECURSOS POLÍTICOS NAS FRONTEIRAS DO IMPÉRIO ANGEVINO (SÉCULOS XII E XIII)

Isadora Cristine Martins¹

Durante os séculos XII e XIII, testemunhamos uma tradição de narrativas arturianas, outrora fragmentária, tornar-se um *topos* literário coeso. Esta tradição é composta por *auctoritates* que transitam entre as fronteiras do Império Angevino e, apesar de serem comissionadas pela corte, frequentemente vêm das periferias do Império. Esta posição particular pode dar às fontes um potencial subversivo, uma vez que elas abordam as Ilhas Britânicas imaginando um passado mítico e idealizado, por natureza melhor que o presente. O conceito de fronteiras tem sido discutido na historiografia medieval nas últimas décadas, especialmente através das ferramentas teóricas fornecidas pelos estudos de Frederick Jackson Turner (1861-1932), ao analisar a constituição de fronteiras durante a formação dos Estados Unidos. Medievalistas aproveitam o conceito construído por Turner, considerando zonas de contato e troca, mas também de violência e que produzem relações únicas e características, diferente daquelas produzidas no centro. Destaca-se, neste panorama historiográfico, a tese de Robert Bartlett, em que as interações de fronteira no mundo Anglo-Normando rumaram para um processo de europeização e aculturação. As construções de narrativas arturianas, advindas da tradição oral britânica e apropriadas pelos Plantagenetas, desempenham um papel importante e ambíguo na fluidez das fronteiras culturais do mundo Anglo-Normando. Ao mesmo tempo que as narrativas são reclamadas por insurgentes galeses, os Plantagenetas utilizam a figura de Arthur para estabelecer-se nos territórios insulares. Propomos, portanto, a análise da circulação de narrativas arturianas em prosa, escritas em latim, à luz do conceito de fronteiras e sua aplicação para os estudos medievais. Argumentamos que a compreensão dos textos sob esta perspectiva pode fornecer a chave para compreender as complexas dinâmicas coloniais no Império dos Plantagenetas, bem como os intercâmbios culturais que daí advém.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo. isadora.cristine.martins@usp.br



ANÁLISE DA POESIA RELIGIOSA DO POEMA “A SANTA CATALINA MÁRTIR” DE SANTA TERESA D’ÁVILA EM UMA ABORDAGEM DECOLONIAL

Jade Mariam Vaccari Carvalho Silva¹
Sávio Roberto Fonsêca de Freitas²

O presente artigo tem como objetivo analisar a poesia da mística espanhola Santa Teresa D’Ávila, representante do chamado Medievo tardio, em uma perspectiva decolonial. Através do poema “A Santa Catalina mártir” é possível revisitar a importância da poesia mística no Século do Ouro espanhol. Para tal análise se faz necessário compreender a prosa religiosa deste momento histórico, como também a importância que Teresa D’Ávila teve não apenas como teóloga, porém como literata do Século de Ouro, uma mulher que marcou época. Para compreender o momento histórico que a autora viveu se fizeram necessários os aportes teóricos de Bodelón (2015), Teijeiro e Ceballos (2007). Para analisar a poesia de Teresa D’Ávila reconhecendo a sua importância para a Literatura Medieval como também a importância da figura da mística Caterina di Siena, se fez necessário os aportes teóricos de Rodal (2017), Deplagne (2019), Mariani (2009), Costa e Costa (2019).

Palavras-chave: Decolonial; Místicas; Medievo.

¹ Graduada em Filosofia, Graduanda em Letras-Espanhol, Mestranda na Linha de Estudos Africanos e Afrobrasileiros – PPGL da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: jdevaccari.it@gmail.com

² Professor efetivo de Literatura de Língua Portuguesa no Departamento de Letras do CCAE-UFPB (Campus IV – Mamanguape) e do PPGL- UFPB (Campus I – João Pessoa). E-mail: savioroberto1978@yahoo.com.br



ENTRE AVES, HUMANOS E HÍBRIDOS: ESTUDO QUALITATIVO E QUANTITATIVO DAS MARGENS DO LIVRO DE HORAS DA COLEÇÃO IVANI E JORGE YUNES (CIJY)

Jefferson Cauê Antiqueira Camargo¹

As Horas dos Yunes, livro de horas pertencente à Coleção particular Ivani e Jorge Yunes (CIJY), são um códice medieval iluminado centralmente e nas margens. Tomando como objeto de estudo a iluminação marginal, descreveremos e classificaremos as imagens das margens qualitativamente, por um lado, e abordaremos questões relativas à seriação das imagens quantitativamente. Quanto ao estudo qualitativo, aplicaremos o conceito de "imagem-objeto" de Baschet (1996) para compreender a interdependência entre o livro e suas margens bem como os conceitos de "decoração" e "ornamentação" propostos por Bonne (1996). Já quanto ao estudo quantitativo, cruzaremos os dados das imagens marginais em tabelas e gráficos conforme a metodologia de corpus de imagens de Baschet (2015) para identificar variações, repetições e diferenças entre os motivos ornamentais das margens e a maneira pela qual essas operações contribuem para o funcionamento da "ornamentalidade" das margens.

Palavras-chave: Livro de horas; Margens; Imagens.

¹ Graduado em Letras e graduando em História pela Universidade de São Paulo (USP).
jefferson.caue@usp.br



A LEI INVOCA CRISTO: OBSERVAÇÕES SOBRE O LUGAR DOS JUDEUS NA TRAJETÓRIA DE CESÁRIO DE ARLES (502-542)

João Victor Machado da Silva¹

Cesário de Arles foi um dos bispos mais destacados no cenário político e eclesiástico do sul da Gália na primeira metade do século VI, e desde meados do século XX consolidou-se como uma das principais referências para o estudo da sociedade galo-romana desse período, especialmente em razão do volumoso conjunto de sermões que lhe é atribuído. Apesar do crescente interesse historiográfico por suas obras, nota-se uma relativa escassez de trabalhos especificamente voltados para sua relação com os judeus, o que contrasta com a atenção considerável que estes recebem em seu *corpus* de sermões – especificamente em seus *Sermones de Scriptura*, a parte mais extensa de sua produção homilética. Esta comunicação tem o objetivo de discorrer sobre a inserção dos judeus na trajetória de Cesário, destacando a relevância destes na elaboração de seu programa catequético e para a afirmação de sua autoridade episcopal metropolitana.

Palavras-chave: Cesário de Arles; Antijudaísmo; Poder episcopal.

¹ Mestre em História Comparada pelo PPGHC-UFRJ. jvmachado@vivaldi.net



FIXOS E FLUXOS: RESISTÊNCIA E REVOLTA EM SANTIAGO DE COMPOSTELA (SÉC. XII)

Jordano Viçose¹

O par conceitual fixos e fluxos desenvolvido pelo geógrafo brasileiro Milton Santos (1926-2001) ao longo de seus trabalhos, como na obra *Espaço e Sociedade* (1979), permite-nos interpretar as revoltas ocorridas em Santiago de Compostela, na primeira metade do século XII, a partir da questão da legitimidade do espaço e dos seus usos. A construção da igreja românica jacobea, iniciada no último quartel do século XI, teve como consequência a integração de fluxos de gente tanto de regiões próximas quanto distantes desejosas não só por visitar as relíquias do apóstolo Tiago, mas também pelas oportunidades trazidas pelas obras do complexo catedral-palácio – concluídas apenas na segunda metade do século XII. O fluxo de peregrinos e os incentivos às peregrinações ao santuário galego por parte do senhor-bispo, Diego Gelmírez (1101-1140), foram parte fundamental de sua política de valorização da sé de Compostela e resultaram no rompimento com valores tradicionais compostelanos e na exclusão de parte da população nativa em benefício do público de peregrinos. As revoltas dos anos 1116-1117 e 1136 foram demonstrações violentas e extremas da insatisfação de parte dos cidadãos de Santiago com a forma como Dom Diego governava o espaço urbano de modo a privilegiar os grupos externos e transitórios.

Palavras-chave: Fixos e fluxos; Revoltas; Santiago de Compostela.

¹ Doutorando em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). jordanovicose@gmail.com



“NÃO FARÁ COISA ALGUMA SEM A OPINIÃO DO ECÔNOMO”: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE TEÓRICA VIÁVEL PARA PRÁTICAS ECONÔMICAS PRÉ-CAPITALISTAS A PARTIR DO CASO DO MONAQUISMO COPTA DO EGITO TARDO-ANTIGO.

Jorge Gabriel Rodrigues de Oliveira¹

Com o advento de teorias, conceitos e metodologias de análise econômica ocorrido somente a partir do século XIX, com os escritos de Marx e Weber, a economia foi se firmando enquanto ciência no esteio do desenvolvimento do capitalismo. Entretanto, isto não significa dizer que as sociedades anteriores ao aparecimento do capitalismo e de tal arcabouço epistemológico não estabeleceram práticas que podem ser entendidas hoje como econômicas. Assim, o problema que se avulta neste caso é o modo como analisar essas sociedades a partir da abordagem das suas práticas econômicas, uma vez que elas próprias não disponibilizaram um sistema epistemológico para tal, sem cair no equívoco anacrônico de lançar mão de conceitos e métodos próprios da economia política capitalista para a compreensão desses tempos pretéritos a elas. Doravante o que se pretende no presente trabalho é apresentar uma proposta de análise teórica viável para práticas econômicas pré-capitalistas, a partir do caso do monaquismo copta do Egito tardo-antigo.

Palavras-chave: Economia pré-capitalista; Monaquismo copta; Antiguidade tardia.

¹ Doutorando PPHR-UFRRJ/PEM-UERJ. prof.msc.gabriel@gmail.com



IMPÉRIO ROMANO NO SÉCULO IV E A FÉ CATÓLICA: UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA

*José de Oliveira Junior*¹

O objetivo deste trabalho é apresentar um debate historiográfico sobre a cristianização do Império Romano no século IV. Esta é associada ao *Cunctos Populos* ou *De Fide Catholica* (Édito de Tessalônica) que, por sua vez, liga-se aos tempos do Imperador Teodósio I. No entanto, faz-se necessário que o debate sobre o processo de cristianização do Império leve em consideração não apenas Teodósio, visto que dentre os autores, existem correntes que creditam maior e menor importância a Constantino como também participante do processo. A forma com que o povo romano interagiu com sua cristianização também compõe o debate. Nos apoiaremos nas reflexões dos seguintes autores: Gilvan Ventura da Silva, Paulo Duarte, Edward Gibbon, Peter Brown, Emilio Mitre, Ian Wood, Gallego Blanco e Paul Veyne.

Palavras-chave: Império Romano; Catolicismo; Teodósio; Constantino.

¹ (graduando UERJ – PEM/UERJ)



A CONSTRUÇÃO DA AUTORIDADE: O DISCURSO DE CHRISTINE DE PIZAN NA *QUERELLE DE LA ROSE*

Joseane Passos Ferreira¹

Christine de Pizan é considerada a primeira mulher a sustentar-se através de seus escritos, portanto, uma figura notável e emblemática do baixo medievo. Suas publicações são contínuas, acumulando obras de 1399 a 1429, nas quais explora temáticas femininas, educacionais, sociais e políticas. Sua prolífica carreira vai contra os paradigmas que a sociedade medieval adotava, assim, Pizan subverte seu papel de dama e chefe de família – posição que assume após a morte do pai e marido – ao dedicar-se à escrita profissional. Na virada do século XV, esta proeminente mulher inicia um grande debate literário por meio da troca de cartas, que se dá devido a sua oposição à segunda parte do livro *O Romance da Rosa* – finalizado no século XIII por Jean de Meung. Este conflito público fica marcado na história como o *Debate da Rosa*, ou *Querelle de la Rose*, e agrega outros personagens, como Jean de Montreuil e Jean Gerson. Os objetivos desta pesquisa concernem em analisar a querela, suas implicações e, principalmente, compreender a retórica de Pizan – a qual, devemos destacar, será a única mulher envolvida neste primeiro momento. Assim, utilizando as categorias de gênero como uma ferramenta interpretativa, observamos como Christine constrói suas estratégias discursivas ao longo desta troca epistolar. Em síntese, os resultados que apresentamos nesta presente comunicação, compreendem como se dá a construção da autoridade que Christine faz para si neste conflito, através de seu discurso. Portanto, analisaremos sua participação e como está se faz ser ouvida pelos homens em seu entorno, deixando sua marca no movimento literário da *querelle des femmes*.

Palavras-chave: Christine de Pizan; Retórica; Estudos de Gênero.

¹ Graduanda em História pela UFRRJ. ferreira1@hotmail.com



O MANUSCRITO ILUSTRADO TACUINUM SANITATISJúlia Beatriz Fernandes Leite¹

O Tacuinum Sanitatis é um catálogo de saúde produzido pelo médico e filósofo árabe Ibn Butlan no século XI. O Manual contém 280 itens, entre eles alimentos, ervas, especiarias, roupas, estações e atividades humanas, organizados em forma de tabelas. E foi produzido com o intuito de orientar médicos e pessoas comuns de como manter sua saúde e não adoecer, através da dietética, organização e manutenção do sono, além da conservação de sentimentos. Nos séculos XIV e XV, após ser traduzido do Árabe e Grego para o Latim, na região Lombarda Italiana, na corte Visconti-Sforza, o Tacuinum perde suas tabelas e ganha para parte dos itens uma imagem correspondente. Atualmente, seis manuscritos ilustrados do período de 1380 a 1450 foram conservados. Neles podemos encontrar diferentes estilos de desenho, que ajudam a compreender o cotidiano dessa sociedade, no trabalho e na vida doméstica do período, seus costumes, o planejamento social e estrutura da cidade, além das próprias residências e lojas.

Palavras-chave: Manuscrito; Tacuinum Sanitatis; História da Arte.

¹ Graduada em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo. julia.leite@unifesp.br/juliabfleite@gmail.com



O PURGATÓRIO DE SÃO PATRÍCIO NA LEGENDA ÁUREA (SÉC. XIII): REFLEXÕES SOBRE O ALÉM MEDIEVAL

Laís Luz de Carvalho¹

O presente trabalho tem como objetivo traçar algumas considerações a respeito da configuração do Além durante a Idade Média Central, período em que a Igreja Romana buscava sistematicamente reorganizar-se para ampliar sua influência diante da comunidade de fiéis. A expansão doutrinal ganhou força, difundindo os temas sobre o pós-morte à população em geral, alertando sobre os perigos de se levar uma vida mundana, afastada da Igreja e da moral cristã. O Purgatório, antes vago na geografia do Além, começou a receber novos contornos no período em que as cidades medievais ganhavam novo impulso. Contudo, foram geradas disputas e resistências em torno da doutrina que se buscava fixar como ortodoxa. Os escritos produzidos pelos eclesiásticos sobre o Além vinculavam em sua narrativa, comumente, testes de fé. Para nossa análise nos utilizaremos da hagiografia de São Patrício que compõe a Legenda Áurea de Jacopo de Varazze, produzida no século XIII. A partir do referido texto, objetivamos destacar alguns elementos simbólicos, condutas e a organização do Purgatório como forma de reafirmar o poderio clerical.

Purgatório – São Patrício – Legenda Áurea

¹ Mestranda (UFRJ). lais.luz_16@hotmail.com



AS CANTIGAS DE SANTA MARIA E A IDADE MÉDIA NO ENSINO ESCOLAR DE HISTÓRIA: PROPOSTAS DE ABORDAGEM

Laryssa Alves da Silva¹

O Ensino de História Medieval tem passado por diversas discussões que objetivam ampliar as práticas pedagógicas e promover um ensino mais dinâmico e fluido, conectado com a realidade do aluno. Além disso, busca-se romper com a visão estereotipada que se tem do período. Uma ótima ferramenta que pode ser utilizada no ensino das temáticas medievais e propiciar uma proveitosa experiência de aprendizagem são as cantigas, pois provocam nos discentes diferenciadas sensações e permitem uma compreensão interdisciplinar dos conteúdos. Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é trazer uma discussão acerca da Idade Média no ensino escolar de História e propor novas propostas de abordagem, utilizando-se das Cantigas de Santa Maria, composições atribuídas ao Rei Afonso X, de Leão e Castela (1232-1284), que contam com uma riqueza temática e permitem uma compreensão acerca das sociedades medievais. Assim, elas podem ser utilizadas nas aulas sobre Idade Média e oferecer uma abordagem interdisciplinar e dinâmica para as aulas escolares.

Palavras-chave: Idade Média. Ensino Escolar. Cantigas de Santa Maria.

¹ Mestranda em História, Universidade Federal da Paraíba. E-mail: laryssa14ufpb@gmail.com



**CONTROLAR A DESORDEM: OS METROPOLITAS DE KIEV E OS
CONFLITOS RÉGIOS NA RUS (C.1097–C.1139)**Leandro César Santana Neves¹

Apesar da produção acadêmica classificar o segundo quartel do século XII como o início da instabilidade política na Rus pré-mongol, abundam exemplos de disputas violentas entre os mais variados *kniazi* – posição política análoga aos “reis” do chamado “Ocidente medieval” – em diversos documentos do período, em especial nos textos das *letopissei* (anais / crônicas), sendo frequentemente mencionadas após o ano de 1097. Em grande parte dos casos, a responsabilidade por restaurar a paz foi relegada principalmente (mas não exclusivamente) às maiores lideranças eclesiásticas da região, os metropolitas de Kiev. Nossa apresentação visa, portanto, apresentar algumas intervenções em guerras régias realizadas por Nicolau I, Nicéforo, Nicetas e Miguel I, hierarcas atuantes entre 1097 e 1139, período que começa no Concílio de Liubetch e termina com a deposição do *kniaz* Venceslau Vladimirovitch de Kiev. Partimos do pressuposto que a resolução dos confrontos está intimamente ligada à institucionalização da função de metropolitano, a qual compreendemos como a construção de uma impreteribilidade dos hierarcas a fim de manter uma determinada noção de ordem. Tal institucionalização traduz-se na documentação como uma paz nada neutra dos conflitos, ainda que o discurso eclesiástico amparado na capacidade de consagrar tente veicular que a ordem dos metropolitas é a ordem divina.

Palavras-chave: Rus; Igreja; Institucionalização.

¹ Doutorando em História Social (Programa de Pós-graduação em História Social / Universidade Federal do Rio de Janeiro). E-mail: lcneves.clio@ufrj.br



“A LANÇA EM TEU PEITO, COMPRA-A SE NÃO QUERES RECEBER O GOLPE”: VINGANÇA E COMPOSIÇÃO NOS RELATOS DE MILAGRES DO *MIDI* FRANCÊS (SÉCULOS XI E XII)

Leandro Ribeiro Brito¹

No final do século X, a região da Aquitânia testemunhou alguns movimentos que se expandiram por toda a *Francia Occidental*, atingindo regiões ao Norte durante os séculos XI e XII. Esses movimentos são conhecidos como Paz e Trégua de Deus. Parte da historiografia viu essas assembleias como o resultado de um período conturbado e repleto de violência. As vinganças privadas e as guerras feudais, nessa perspectiva, promoveriam uma “anarquia feudal”. Porém, nossa proposta é apontar, através de alguns relatos de milagres, que havia, na verdade, um incentivo à composição e que as regras do sistema de vinganças tinham a capacidade de exercer algum tipo de ordem. Examinaremos três *miracula* em particular: os *Milagres de Nossa Senhora de Rocamadour*, os *Milagres de Santa Fé de Conques* e os *Milagres de São Privato de Mende*. A metodologia utilizada para a compreensão dessa documentação será o diálogo com a Antropologia da vingança. A partir disso, podemos efetuar a leitura de sociedades baseada na honra e, mais que isso, entender que a vingança é uma instituição de resolução de conflitos que não reflete, necessariamente, um mundo mergulhado em caos. Pelo contrário, o sistema de vingança contém, de acordo com Thomas Barfield, elementos de controle social deliberado.

Palavras-chave: Vingança; Assembleias de Paz; Miracula

¹ Mestre em História Social -UFF. leandrorbrito@gmail.com



O CONHECIMENTO DE SI NOS SERMÕES 36 37 NO COMENTÁRIO SOBRE O CÂNTICO DOS CÂNTICOS DE SÃO BERNARDO DE CLARAVAL (1090 – 1153)Letícia Pereira Lima¹

A presente apresentação faz parte do projeto Antropologia Histórica do Medievo Latino: o Conceito de Pessoa na teologia Mística Cisterciense e Franciscana, que tem como objetivo incentivar os estudos transdisciplinares, articulando Antropologia Histórica e Filosofia, tendo como metodologia de análise o discurso de fontes monásticas para compreender a concepção de sujeito na comunidade cisterciense do século XII. Através dos *Sermones in Cantica Cantorum* de Bernardo de Claraval buscamos compreender a concepção de pessoa na teologia mística bernardina que busca o conhecimento de si como meio para alcançar a humildade e, logo, a salvação, assim, ao mesmo tempo que, sendo o coroamento da vida monástica, o texto tem um aspecto pedagógico, ou seja, propõe uma nova concepção de homem e uma nova vida comunitária na esperança coletiva da salvação. Essa nova percepção de si está ligada às mudanças estruturais ocorridas ao longo dos séculos XI e que aparece, para os historiadores da filosofia, plenamente no século XII. Na presente comunicação apresentaremos as primeiras conclusões da nossa pesquisa.

Palavras-chave: Cistercienses; Pessoa; Comunidade.

¹ Graduanda em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP) Bolsista Pibic sob orientação da prof. Dra. Ana Paula Lopes Pereira (UERJ/FFP)
E-mail: leticiapl26@gmail.com



OS FABLIAUX E A REPRESENTAÇÃO DO PARAÍSO NA CULTURA POPULAR MEDIEVAL

Luana Cantalice Dias

Resumo: O fabliau faz pode ser considerado uma corrente de narrativas curtas que era produzida durante os séculos XIII e XIV, e, apesar de serem difíceis de definir e de distinguir, ele tem como uma característica comum de seus manuscritos a forma como são compostos por esse modelo. Neles, através de situações do cotidiano, o sagrado e o profano se relacionam em uma forma cômica que resulta em uma moral, um ensinamento. Dessa forma, podemos entender que essas produções literárias refletem o meio em que foram escritas, assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar os fabliaux *Do vilão que conquistou o Paraíso defendendo sua causa* e *O peido do vilão*, retirados do livro *Pequenas Fábulas Medievais: fabliaux dos séculos XIII e XIV* (2020), a fim de discutir e compreender a forma como a noção de Paraíso é representada no imaginário da cultura popular medieval.

Palavras-chave: Fabliau; Fábula; Cultura popular; Paraíso; Idade Média.



FUROR E LOUCURA: A FILOSOFIA DE UM AMOR MÍSTICO EM GIORDANO BRUNO

Lucas Cabral Ferraz de Lima¹

Giordano Bruno, rebelando-se contra o dogma religioso e contra todo tipo de ensino oficial, defendeu suas ideias diante dos sábios e dos poderosos, para, enfim, ser condenado à morte na fogueira, por se negar a retratar suas ideias, consideradas heréticas pelo Tribunal da Inquisição. Recorrendo ao que queremos tratar. O Amor, reúne a alma ao poder divino. Amor mágico, portanto, tem a ver com a teoria de Ficino das duas Vênus, tratada em sua obra sobre o comentário do Banquete de Platão -ainda que Bruno não mencione Ficino pelo nome-, o que transforma o mago religioso num poeta neoplatônico do amor, como acontece na sua obra “De Gli Eroici Furori”. Temos, portanto, nesta obra em que Bruno reuniu sua poesia amorosa e mística, uma experiência que torna a alma “divina e heróica”, e pode ser comparada ao transe do “furor” do amor passional. Com efeito, detemos os quatro graus de furor, pelos quais a alma torna a ascender ao Um. Estes furores, aos quais foram estabelecidos por Ficino a partir de fontes platônicas, no seu comentário ao Banquete de Platão, e em outros trechos da sua obra. Em primeiro lugar, há o furor da inspiração poética, sob as Musas; em segundo, o furor religioso, sob Dionísio; em terceiro, o furor profético, sob Apolo; e em quarto, o furor amoroso, sob Vênus. Em suma, dispomos que as experiências do “Eroici Furori”, visam realmente a gnose hermética, tratando da poesia mística e amorosa do mago que foi criado divino, com poderes divinos, e está em vias de voltar a ser divino. É justo neste ponto que temos a investigação de qual seria o limiar -ou se é que ele existe- entre a loucura e suas espécies de furor, ou furor e suas espécies de loucura. Tentando, com efeito, vislumbrar qual a profundidade desse âmago perante a nós.

Palavras-chave: Furor; Amor; Loucura.

¹ Graduando em filosofia na Universidade Federal do Pará.

lucascabralferraz@gmail.com



ANÁLISE PRELIMINAR DO LIBER CONTRA VENENA DE JUAN GIL DE ZAMORA

Luíza Nascimento Ferreira Lopes

O presente trabalho busca fazer um estudo preliminar da fonte primária denominada “Liber contra venena et animalia venenosa” de Juan Gil de Zamora, escrita no final do século XIII no Reino de Castela e Leão, apresentando a mesma e buscando compreender o contexto de sua produção, assim como sua relação com o enciclopedismo medieval. O trabalho visa pavimentar caminho para uma pesquisa temática mais aprofundada no uso do ópio como remédio tal como citado na obra.



A CONSTRUÇÃO DO REI CRISTÃO IDEAL: A ANÁLISE DA BÍBLIA DA CRUZADA (MS.M 638) E A IMAGEM COMO TRIBUTÁRIA DA PREGAÇÃO AOS SOBERANOS

Magalli Santos Souza¹

Ao deter-se o olhar nas formas de instrução das várias parcelas que compunham a sociedade franca do século XIII, governada pelo rei Luís IX, é notório que a pregação e iluminação de manuscritos foram duas das principais formas utilizadas por aquelas sociedades. Desta forma, objetiva-se nesta apresentação debruçar-se brevemente sobre elas, compreendendo-as como importantes características da religião medieval e detendo-se na sua utilização como meios privilegiados de instrução aos soberanos. Destacar-se-á a Bíblia da Cruzada, manuscrito ricamente iluminado, produzido na década de 1240 e compreendido como um notório espelho de príncipe, que objetivava reforçar o ideal do rei cristão e propagandar as conquistas cruzadísticas de Luís IX. Notar-se-á que o rei franco é idealizado como um novo Davi que leva o novo “povo escolhido” – agora cristão – a “Terra Prometida” e, ao mesmo tempo, um rei sábio que é a incontestável figura do novo Salomão.

Palavras-chave: Iluminação de manuscritos; Luís IX; História da Arte Medieval.

¹ Mestranda em História da Arte pelo PPGHA/UNIFESP. souza.magalli@unifesp.br

OS CASAMENTOS REAIS DA DINASTIA BORGONHESA IBÉRICA (SÉC. XII-XIV) NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIROS: UMA ANÁLISE DOS TRABALHOS FINAIS PRODUZIDOS DESDE 1990

Mariane Godoy da Costa Leal Ferreira¹

Nesta comunicação, a partir das informações encontradas na Plataforma Lattes, apresentarei as conclusões de minha análise acerca das dissertações e teses produzidas em território nacional sobre os monarcas portugueses e castelhano-leoneses da dinastia de Borgonha (séculos XII-XIV). Para tanto, mapeei, de forma quantitativa e qualitativa, como a historiografia brasileira vem abordando esses governantes e seus respectivos reinados desde a década de 1990 – período em que os Programas de Pós-Graduação em História estavam se consolidando nas universidades do país. Haja vista o objetivo central de minha tese – encontrar padrões nas estratégias matrimoniais da dinastia borgonhesa e compará-los ao modelo proposto pela Igreja Romana –, os dados levantados foram divididos em quatro grupos de análise: 1) pesquisas cujo objeto central esteja relacionado à esfera do casamento; 2) pesquisas que tratem sobre casamento, mesmo que esse eixo não seja o objeto central; 3) pesquisas que tratam sobre algum monarca estudado, porém sem mencionar a questão matrimonial, e 4) pesquisas que utilizam algum dos reinados apenas como baliza temporal ou espacial para o seu objeto. Por fim, concluirei com um balanço ressaltando como os pós-graduandos utilizaram os dois ramos dinásticos como objeto de estudo. Para isso, identificarei os elementos mais recorrentes e as lacunas nessas análises.

Casamento – Historiografia – Dinastia de Borgonha

¹ Doutoranda – PPGHC/UFRJ. mariane.godoy@yahoo.com.br



QUAL IDADE MÉDIA É ENSINADA EM TERRAS CARIOCAS?

Marta de Carvalho Silveira¹

A implantação da *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) implicou, por parte dos órgãos municipais de educação brasileiros, na adoção de uma nova disposição dos objetos de conhecimento nos anos de escolaridade e na reformulação do material didático referente ao Ensino Fundamental. Diante disso, a *Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro* organizou os *Cadernos Pedagógicos* para serem utilizados em consonância com os livros didáticos enviados pelo *Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD). Este trabalho reúne algumas reflexões que tenho realizado no âmbito do projeto *O ensino de Idade Média e as novas abordagens pedagógicas à luz da BNCC*, financiado pela FAPERJ, que pretende contribuir para mapear e analisar os impactos que a implantação da BNCC tem gerado no ensino da História Medieval na educação pública carioca. Tomando como fonte, para este trabalho, os *Cadernos Pedagógicos* direcionados ao sétimo ano do Ensino Fundamental, para serem utilizados durante o primeiro semestre de 2022, pretendo analisar a forma como os objetos de conhecimento referentes à Idade Média foram selecionados, dispostos e apresentados aos discentes e aos docentes cariocas.

Palavras-chaves: Ensino de Idade Média; Material didático; BNCC.

¹ Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Professora Adjunta de História Medieval da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora Especialista em História da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. E-mail marta.silveira.uerj@gmail.com



A ICONOGRAFIA TRIFACIAL DA DOUTRINA TRINITÁRIA CRISTÃ NA BAIXA IDADE MÉDIA

Mateus Potengy de Souza¹

O trabalho objetiva a análise de composições artísticas trifaciais que simbolizavam a doutrina trinitária cristã como uma figura de três cabeças, produzidas no período medieval, cuja conceitualização, prática e difusão representam segmento importante, e posteriormente controverso, da evolução da iconografia cristã e a simbolização de sua doutrina trinitária fundamental. Para tal, são analisadas em destaque duas iluminuras em manuscritos medievais: a inclusa no verso do folio 9 do Manuscrito K.26, um Saltério do século XIII e a inclusa no Manuscrito M.558.5r, um Cantoral italiano do século XV. Desta forma, busca-se compreender, através da proposta de abordagem analítica de Jean-Claude Schmitt, a importância destas obras para o imaginário social medieval e a arte cristã, de forma a apreendermos também sua subsequente controvérsia, proibição e defasagem.

Palavras-chave: Iconografia Trifacial; Arte Cristã Medieval; Simbolismo.

¹ Graduando – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Mateuspotengymp@gmail.com



É O DRAGÃO UM MONSTRO? NOTAS SOBRE IMAGINÁRIO E MONSTRUOSIDADE NO MEDIEVO

Matheus de Paula Campos¹

Resumo: Dragões são comumente associados ao Medievo, o que ocorre, sem dúvidas, por seu aparecimento em produções da cultura *pop* que trazem a Idade Média como *background* da narrativa. Muitas vezes, nesses diversos produtos culturais, temos o bom dragão, ajudante de protagonistas das narrativas e que garantem proteção e segurança. Outras vezes, esses sáurios são colocados como figuras que inspiram terror e admiração, criaturas gigantescas e destruidoras, geralmente de caráter maléfico. Esses são os aspectos que mais se aproximam dos dragões medievais, seres reptilianos, com algum tipo de incandescência, sendo obstáculo ao progresso do herói ou heroína e, na maior parte das vezes, associado ao Diabo. Poderia se dizer, então, que o dragão é uma criatura monstruosa. Mas ele é realmente? A noção de *monstro*, para o Medievo, pode ser diferente da Contemporaneidade, porém, a partir dos *Monster Studies* hodiernos, podemos perceber novas nuances em relação aos dragões medievais, e até das produções contemporâneas. Embasados na *Monster Theory* de Jeffrey Jerome Cohen e tendo como ponto de partida o imaginário dracônico medieval, discutiremos a noção de *monstro* e *monstruosidade*, associada aos sáurios em fontes medievais, propondo um debate com outro olhar sobre essas categorias já estabelecidas nos Estudos Medievais.

Palavras-chave: Dragão; Monstro; Imaginário.

¹ Mestrando em Letras e Linguística (PPGL/FL/UFG). athsdpc1@gmail.com

O REI, O HERÓI, O ÍCONE: A RICARDOMANIA VITORIANA E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM OITOCENTISTA DE RICARDO I

Mauricio da Cunha Albuquerque¹

Este trabalho trata da construção da imagem oitocentista de Ricardo I e sua transformação em ícone cultural vitoriano. Fruto da pesquisa de Doutorado deste pesquisador, a apresentação busca compreender 1) por que artistas e produtores culturais diversos direcionaram sua atenção de maneira mais recorrente à figura de Ricardo Coração de Leão durante o oitocentos (em particular entre as décadas de 1820 e 1860) e 2) que tipos de memórias culturais são (re)produzidas e ativadas a partir dessas representações visuais. O estudo lança mão de diferentes tipos de documentação imagética, como pinturas, estatuária, vitrais, livros ilustrados, charges humorísticas, mas são as “coisas do cotidiano” (*household stuff*) (como pingentes, peças de porcelana, cartões colecionáveis, etc) que recebem nossa maior atenção. Nesse sentido, a noção de Cultura Visual se mostra de grande pertinência, contemplando não apenas a diversidade de artefatos culturais analisados como também os diálogos estabelecidos entre as representações visuais do personagem e as outras linguagens, como literatura, teatro, ópera e a própria historiografia.

Palavras-chave: Medievalismo – Inglaterra Vitoriana – Ricardo Coração de Leão

¹ Mestre em História (UFPEL). mauricioalbuquerque@hotmail.com

(NEO)MEDIEVALISMO NO BRASIL: O CASO DAS FEIRAS MEDIEVAISMayara Ramos Saldanha¹

Eventos com temática medieval têm se popularizado cada vez mais no Brasil nos últimos anos, principalmente nas grandes capitais e entre o público jovem. Entre eles, destacam-se as feiras medievais, que reúnem música, dança, jogos e outras atividades ligadas a uma ou mais, ideia(s) de Idade Média, as quais são mobilizadas pelos criadores e pelo público dos eventos. O medievalismo e o neomedievalismo, campos que se propõem ao estudo das recepções da Idade Média em épocas pós-medievais, também têm crescido e aprofundado suas discussões, buscando compreender o *boom* medieval das últimas décadas e a atração que esse período histórico ainda desperta nas pessoas. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é abordar o desenvolvimento, bem como alguns conceitos debatidos por esses campos para propor reflexões acerca das ideias de Idade Média que estão presentes nas feiras medievais no Brasil.

Palavras-chave: Feira Medieval; Medievalismo; Neomedievalismo;

¹ Mestranda em História pela UFRRJ. maysaldanha@hotmail.com



O EXÓRDIUM DA EDUCAÇÃO NO SEIO DA IDADE MÉDIA E AS CONTRIBUIÇÕES DE GUILHERME DE OCKHAM (SÉC. XIV)

Mayara Stephane Gomes ¹

O referente estudo, procurou fazer uma análise acerca da educação no Medievo, essencialmente, entre os séculos XIII e XIV sob a influência do pensamento de Guilherme de Ockham (c.1285-1347), teólogo e filósofo inglês, franciscano da corrente dos Espirituais que mediante as conflituosas transformações ocorridas no transcurso dos séculos XIII e XIV, no tocante às discussões teóricas, buscou incentivar os indivíduos a descobrir sua capacidade de refletir, entender e interpretar diversas questões relevantes ao homem, Deus e natureza. Também desenvolveu contribuições fulcrais para o desenvolvimento das ações pedagógicas de seu período e na nova era Moderna. Pretende-se a partir desta pesquisa abordar acerca da origem do espaço físico do saber - as escolas e universidades medievais - enquanto espaço novo de construção, preservação e reflexão dos saberes. Busca-se, ainda, compreender como se deu a construção da consciência histórica dentro desses espaços. Acreditamos que escritos como os do franciscano, Guilherme de Ockham, contribuíram como relevante chave de interpretação sobre esse *locus*.

Palavras-chave: Educação. Idade Média. Guilherme de Ockham.

¹ Mestranda em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás (PPGH- UFG). E-mail: mayarastephane@discente.ufg.br.



A IDADE MÉDIA NA ANIMAÇÃO DIGITAL “RAMON LLULL” (2020): UM MUNDO DE CORES?

Maria Milena Lima Queiroz¹

O presente trabalho tem como objetivo central analisar o uso de luz e cores na animação digital *Ramon Llull* (2020) e de que forma ele influencia na representação do mundo medieval. Nas últimas décadas, as pesquisas sobre as cores na Idade Média vêm crescendo satisfatoriamente, com destaque para os estudos do historiador francês Michel Pastoureau, os quais tratam a respeito do fenômeno das cores sob uma perspectiva social e simbólica (2006). A visão de uma época sombria e monocromática – muito retratada em produções cinematográficas – faz parte de alguns dos estereótipos apresentados pela dita “medievalidade”, uma forma de apropriação do Medievo que se afasta da historicidade e se aproxima da mitificação (MACEDO, 2009). Tais manifestações, que ora glorificam, ora depreciam a Idade Média, desconsideram o Medievo como um período plural, definido por Umberto Eco (2014) como de muitas “idades médias”. Portanto, nossos questionamentos giram em torno da questão: a Idade Média representada na animação *Ramon Llull* (2020) é aquela monocromática e obscura – e que muito influencia na construção do mito de uma Idade das Trevas – ou aquela, por exemplo, que considera a temporalidade em questão como plural e policromática?

Palavras-chave: Ramon Llull. Policromia. Cinema de animação.

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).
mariamilenalq@gmail.com



A PALA DE SANTA CLARA NO QUADRO DA ICONOGRAFIA CLARIANA DO SÉC. XIII

Miriam Lourdes Impellizieri Silva¹

Sobre Clara de Assis, uma das santas mais bem documentadas do medievo, temos importantes registros iconográficos dispersos em retábulos historiados, afrescos, miniaturas, iluminuras, vitrais, quadros, todos oriundos dos séculos finais daquele período. Entre eles se destaca sua *Tavola*, encontrada na basílica que lhe é dedicada em Assis, onde são-nos retratadas oito cenas de sua vida, retiradas de suas fontes hagiográficas. A obra foi pintada entre 1270-1280 pelo chamado Mestre de Santa Clara, recentemente identificado como Benvenuto Benveni, pintor de Foligno e autor da chamada Madonna da Cortina, também exposta na basílica clariana. Além da problemática da motivação da escolha das cenas representadas na Pala, nesta comunicação, colocamos também como pontos a serem questionados o que estas cenas nos revelam sobre a construção da imagem da santidade de Clara e de como a sociedade cristã apreenderia esta imagem a partir da qual seu culto se fundamentaria e se difundiria.

¹ Mestre em História Antiga e Medieval – UERJ. miriamlils@gmail.com

A POLÍTICA MATRIMONIAL DO REI AFONSO VI DE LEÃO E CASTELA NA *CHRONICON MUNDI*

Nathália Velloso de Castro Costa Ribeiro¹

O rei Afonso VI de Leão e Castela teve vários relacionamentos conjugais, com um total de cinco ou seis esposas, mais as concubinas. As representações feitas sobre ele, sobre suas mulheres e sobre os enlaces na *Chronicon Mundi* são o nosso objeto de reflexão na comunicação. Essa obra foi escrita posteriormente aos eventos, no século XIII, por Lucas de Tuy, a pedido da rainha Berenguela. A crônica narra, a partir da mitologia cristã, desde a criação do mundo até a chegada ao poder do rei Afonso X de Leão e Castela, dividindo-se em quatro partes: a primeira, que inclui a criação do mundo, o dilúvio, se estendendo até o reinado de Eráclio; na segunda parte começa a história da Espanha e vai até o reinado de Suintila, e é nesta que termina a crônica de Isidoro; a terceira parte se inicia com o rei Sisenando e vai até as conquistas dos mouros na Península Ibérica; e a quarta parte, na qual se encontra o objeto de nossa análise, narra desde Pelayo até a conquista de Córdoba por Fernando III. O cronista fez uso dos relatos de Isidoro de Sevilla, de Hidácio de Chaves e de Paulo Orósio. A metodologia aplicada à fonte será a análise de conteúdo, para que seja possível discutir como a representação da sua política matrimonial no século XIII foi um dos aspectos que compuseram a formação do discurso de hegemonia castelhana, a qual começou a se configurar com a regência da rainha Berenguela, descendente do imperador de toda a Espanha.

Palavras-chave: política matrimonial, rei Afonso VI, *Chronicon Mundi*.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História Comparada (UFRJ). E-mail: nathvccosta@gmail.com



O CONDESTÁVEL D. PEDRO DE PORTUGAL: UMA RELAÇÃO EXÍLIO E OBRA

Paloma Caroline Catelan¹

No Portugal do século XV viveu um dos letrados ilustrativos do período em que se observa um impulso de escritos de natureza moralizante destinados aos leigos e por eles produzidos; impulso em grande parte devido aos diálogos com letrados de outras cortes. O Condestável D. Pedro de Portugal foi um nobre que esteve exilado em Castela durante sete anos (1449-1456), e este período foi fundamental para a sua produção escrita. Sem perder de vista a história pregressa do Condestável, filho do Infante D. Pedro e um dos principais ícones do humanismo português quatrocentista por também ter estado em contato com outras cortes, esta comunicação debruça-se sobre a relação exílio e obra. Que relevância este desterro teve na vida dele e em que medida a experiência dos contatos externos define o perfil dos escritos neste período são os alvos desta comunicação, empenhada em entender as consequências deste exílio para que se possa entender uma faceta fundamental das relações peninsulares: as trocas de ideias e escritos. O Condestável, por dominar as principais línguas ibéricas de seu tempo, aprofunda seus conhecimentos na língua da qual resultou uma das mais importantes produções moralizadoras no período, o castelhano, sendo o primeiro português a se aventurar na escrita bilíngue.

Exílio; Portugal; Castela.

¹ Graduanda em História - Unesp/Franca. Paloma.catelan@unesp.br

BONIFÁCIO VIII E FELIPE IV, O BELO: O DECLÍNIO DO PODER PAPAL E A ASCENSÃO DOS ESTADOS NACIONAIS

Paulo Cesar Moreira de Almeida Júnior¹

A partir do Papa Gregório VII e sua monarquia papal no século XI vemos evidenciada uma característica marcante do período medieval: a busca pela ordenação da vida social e política à doutrina católica. Dentro de um contexto já um pouco diferente, Bonifácio VIII é eleito papa e toma para si o papel de fortalecer a liberdade e supremacia da Igreja em um momento em que o poder dos príncipes e dos reis começava a sobrepor o poder do papa novamente. Sua maneira de impor a potestade espiritual incomoda o rei de França, Felipe IV, o Belo, e após uma série de disputas e documentos, Bonifácio VIII publica o seu mais importante escrito, a bula papal *Unam Sanctam*, em que declara ser necessária para a salvação da alma a submissão ao romano pontífice. A publicação deste documento causa profunda revolta em Felipe e sua corte e um atentado a Bonifácio VIII é planejado por seus ministros, o que posteriormente causa a morte do pontífice.

Palavras-chave: Papado e monarquia; Bonifácio VIII; Felipe IV, o Belo

¹ Graduando em História – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO p.almeida@edu.unirio.br



CULTURAS VISUAIS COMPARTILHADAS ENTRE O MEDITERRÂNEO E A EUROPA DO NORTE: A ICONOGRAFIA DO GRIFO NA TAPEÇARIA DE BAYEUX COMO ESTUDO DE CASO

Paulo Christian Martins Marques da Cruz¹

Entre os séculos XI e XII, a *gens normannorum* esteve envolvida em processos de agressão e conquista militar por uma espacialidade que englobava territórios desde a Europa do Norte até a Terra Santa. No entanto, a historiografia insistiu na construção de pesquisas que pouco teciam encadeamentos entre as experiências político-culturais dessa *gens* na Inglaterra (1066-1135) e na Sicília (1130-1189), sobretudo a partir dos objetos e modelos artísticos produzidos ou que circularam entre tais localidades. Diante disso, ao nos determos na chamada Tapeçaria de Bayeux, confeccionada na região de Canterbury por volta da década de 1070, e sob a comitência do bispo Odo de Bayeux (1036-1097), meio-irmão de Guilherme, o Conquistador (c. 1028-1087), visamos tecer alguns apontamentos sobre a existência de uma cultura visual compartilhada entre esse objeto e manifestações artísticas concebidas e divulgadas pelos normandos no Mediterrâneo. Para tanto, tomamos enquanto estudo de caso a iconografia dos grifos, que ao serem alocados nas bordas superior e inferior desse têxtil, representariam, de maneira retroativa, um motivo valorado no interior do projeto de constituição e manutenção da ideia de virtuosidade bélica. Paralelamente, compreendemos que movimentos semelhantes possam ser observados em objetos realizados em outros regimes de materialidade, como os marfins de Salerno (séc. XI) e os capitéis de Monreale (c. 1174-1176); os quais colaborariam, igualmente, na criação de conexões com vocabulários visuais presentes em uma audiência islâmica e bizantina.

Palavras-chave: Tapeçaria de Bayeux, cultura visual compartilhada, grifos

¹ Doutorando em História da Arte pelo PPGHA-UNIFESP. Paulo.mmc1@gmail.com

DEPREENSÕES ACERCA DAS PRÁTICAS DE CUIDADOS COM A SAÚDE EM PARIS – SÉCULOS XIII E XIV

Autor: Pedro Henrique Pereira Silva¹

O presente Trabalho propõe explicitar a existência de uma transformação na maneira com que as práticas de cuidados com a saúde aconteciam na cidade de Paris entre os séculos XIII e XIV e de que maneira se transformavam no decorrer desse tempo. Para tanto, analisaremos as duas facetas de tais práticas, seja por meio do seu exercício histórico-cultural – do âmbito familiar ao “curandeirismo” - seja pelo ofício “legal”, que passava a existir concomitantemente à institucionalização da profissão de médico. As práticas “curandeiras” se desenvolviam na Europa cristã latina desde a Alta Idade Média. Neste período, as mulheres aprendiam a “arte da cura” com seus maridos e também com familiares, que estudavam nas escolas existentes e tinham acesso a obras clássicas da medicina advinda da tradição intelectual islâmica, como as obras gregas de Galeno e Hipócrates. Nesse sentido, tal função social, até então, atrelava-se aos costumes e às tradições culturais – por meio da atuação enquanto aprendizes – somados ao conhecimento intelectual. Em Paris, os estudos de medicina se iniciaram em 1150. Durante a segunda metade do século XIII, mais precisamente durante a década de 1270, licenças para o seu exercício começaram a ser expedidas, restringindo a cura de pacientes aos que adquiriam o bacharelado na instituição universitária. Nesse sentido, tais licenças representavam a existência de uma forma “oficial” desse exercício a partir de então, o que colocava a atuação curandeira na ilegalidade e, concomitantemente, acarretava a penalização de grupos que atuavam na assistência aos enfermos de maneira “não-profissional”.

Palavras-chave: Paris; Medicina; Curandeirismo

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais – PPGHIS/UFMG. **E-mail:** pedrop.ufsj@gmail.com



ENTRE A CIDADE E A ESPADA: RELAÇÕES E CONFLITOS ENTRE JUDEUS E CRISTÃOS NA RENÂNCIA DURANTE A PRIMEIRA E SEGUNDA CRUZADAS (1096 – 1157)

Rafael Bello Bendl¹

Nossa pesquisa pretende analisar as diferentes definições e interpretações sobre os atos de violência perpetuados por cristãos e judeus durante a Primeira e Segunda Cruzadas. Estudaremos um conjunto de quatro crônicas escritas por judeus, especificamente três sobre a Primeira Cruzada, intituladas “*A Crônica de Solomon bar Simson*”, “*A Crônica de Rabbi Eliezer bar Nathan*” e “*Anônimo de Mogúncia*”, assim como o texto “*Sefer Zechirá ou Livro da Recordação*”, de Efraim ben Jacob de Bonn, sobre a Segunda Cruzada. Quanto à documentação cristã, analisaremos duas crônicas, uma sobre a Primeira Cruzada e outra sobre a Segunda, respectivamente “*Historia Ierosolimitana*” de Alberto de Aachen e Otto de Freising, chamada “*Gesta Friderici imperatoris*”. A partir do conceito de vocalidade, de Paul Zumthor, estudaremos o conjunto documental como obras escritas e orais, para compreendermos como a violência empregada por ambas as comunidades foi descrita e transmitida, comparando as definições nos relatos cristãos e judeus. Nossa hipótese reside na ideia de que as reações nas cidades alemãs durante as primeiras cruzadas dizem mais sobre essas comunidades específicas do que sobre a experiência judaica em toda a diáspora, com isso, devemos tratá-las como tal, sendo assim, as diferenças entre judeus e autoridades, judeus e cruzados, judeus e cidadãos, e a análise de conceitos como “violência”, “conversão” e “coexistência” ganham uma perspectiva específica, que rejeitam qualquer tratamento que sintetize a relação entre hebreus e cristão.

Palavras-chave: judeus, cruzadas, violência

¹ Mestrando em História - Programa de Pós-Graduação em História da UNIFESP.
rafael.bendl@unifesp.br



ESTÉTICA E JOGO DE PODER: O ARQUÉTIPO FEMININO EM TAMAMO-NO-MAE

Raphaella Ânanda Sâmsara Maia Augusto de Souza Faria¹

No estudo do conto de Tamamo-no-mae, percebemos a presença de certos padrões em seu comportamento que remetem aos ideais de feminilidade presentes em diários de damas da corte do período Heian no Japão medieval. Tendo como patrono o Imperador Toba, Tamamo se torna uma dama da corte favorecida por ele e rapidamente se estabelece como a principal dama, com grande influência sobre o imperador e as suas decisões. Rebekah Hunter faz uma profunda análise das regras, práticas sociais e padrões de beleza que regem as mulheres durante o período Heian no Japão. Através dos diários das damas da corte, com uma leve ênfase ao Livro de Travesseiro, de Sei Shonagon, a autora relata o jogo político presente nesses escritos e no julgamento dos padrões de beleza estabelecidos por essas mesmas damas da corte. A forte presença do jogo de poder nas ações de Tamamo-no-mae, bem como seu status hierárquico e os relatos de sua extrema beleza e sabedoria, podem ser interpretados em referência ao jogo político e regras sociais vistos nos relatos das damas de corte analisados por Hunter através de seus diários. Sendo assim, podemos investigar mais profundamente a presença de um possível arquétipo de feminilidade no conto.

Palavras-chave: Kitsune; Japão Medieval; Feminino.

¹ Licenciada em História - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.
anandasamsara@edu.unirio.br



CÓLERA DIVINA E IRA DOS HOMENS: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS EMOÇÕES NO PERÍODO CAROLÍNGIO (840-860)

Renan Perozini Gomes Barrozo¹

Desde a década de 1990, os estudos relativos à *História das Emoções* tem se destacado como uma abordagem possível. Autores como Barbara H. Rosenwein, Piroska Nagy, Damien Boquet, Carla Casagrande, entre outros, contribuíram de forma decisiva para o avanço em pesquisas no campo. Um dos temas centrais para esses trabalhos se refere ao papel das emoções nas rupturas dos processos históricos. Além disso, há uma importante crítica quanto à universalidade das emoções, ou seja, elas apresentam significados diversos de acordo com os contextos que se inserem, portanto são históricas. A cristianização das emoções, ocorrida durante o período Carolíngio, as tornou categorias associadas a normas, valores, vícios e virtudes. Desta forma, este trabalho tem como objetivo discutir a relevância dos estudos das emoções e se organiza em três eixos estruturantes: Analisar a fundamentação teórica sobre a *História Social das Emoções*, realizando um exame crítico que nos ajude a compreender as possibilidades de estudo que o campo nos oferece, além de apontar alguns limites quanto ao tipo de abordagem; Realizar um debate relativo à universalidade das emoções, demonstrando que uma mesma chave linguística pode representar diferentes significados em contexto diversificados; Apresentar considerações a respeito da Ira/Cólera em fontes carolíngias, demonstrando as diversas representações desse símbolo emocional e sua relação com a violência e o sagrado em meados do século IX.

Palavras-chave: Ira; Emoções; Carolíngio.

¹ Doutorando em História Social – PPGHIS – LATHIMM/UFRJ.
renangomespb@gmail.com



A FONTE DE TODO MAL: A SEXUALIDADE FEMININA NO *MALLEUS MALEFICARUM*Rhayana Antunes Pimentel¹

O *Malleus Maleficarum* foi publicado em 1486 pelos dominicanos Henrich Kramer e James Sprenger, visando orientar o leitor na identificação e condenação das mulheres acusadas de bruxaria. A sexualidade feminina foi o tópico mais discutido pelos autores, que acreditavam que a principal causa dos casos de bruxaria estava relacionada à luxúria das mulheres. Dentre outras acusações, o *Malleus Maleficarum* denunciou a bruxa por interferir nos matrimônios, causando infertilidade feminina e impotência sexual masculina, assim como a acusou de manter relações sexuais com os demônios, de modo que fica evidente a crença dos autores numa sexualidade feminina que era perigosa por estar fora de controle. Dito isso, entendemos que a bruxa transgredia normas sociais e religiosas responsáveis por nortear a sociedade cristã. A bruxa promoveu a transição do feminino de uma posição passiva para a ativa, conquistando autonomia em engendrar feitos diabólicos pela via da sexualidade. A bruxa era aquela que se entregava aos deleites do sexo com desejo e sem compromisso com as instituições. Por fim, a culpabilização da sexualidade da bruxa promoveu como contraponto a vitimização dos homens diante da bruxaria.

Palavras-chave: *Malleus Maleficarum*; bruxa; sexualidade

¹ Mestranda em História - UFRRJ. pimentelantunesrhayana@gmail.com



É POSSÍVEL HISTORIOGRAFAR A ARTE ATRAVÉS DE BIOGRAFIAS NOS CACIONEIRO OCCITANOS?

Roberta Bentes¹

O sucesso das biografias artísticas, assim como a ideia de um Renascimento se iniciar no século XVI, tem um responsável: Giorgio Vasari (1511-1574). Conhecido como historiador, artista e cavaleiro da Ordem da Espora Dourada, Vasari foi a pedra chave para a valorização da classe artística, bem como o *status* “divino” que alcançou durante essa época. Mas antes mesmo desse sucesso, outros estudiosos foram responsáveis por trazer um registro de artistas através da apresentação biográfica deles e de suas obras, como por exemplo, Plínio, o Velho (23-79 d.C) em sua obra *História Natural*. O presente trabalho propõe uma análise sobre a escrita biográfica dos trovadores occitanos como um meio de *historiografar* a arte occitana produzida entre os séculos XI-XIII. Para tanto, serão utilizadas as metodologias propostas por Marcella Lopes Guimarães e Conrad Rudolph.

Palavras-chave: História da Arte; Manuscritos medievais, arte occitana.

¹ Doutoranda em História (PPGHIS/UFPR). Roberta.bentes@gmail.com

A IDADE MÉDIA EM CONTEÚDOS DIDÁTICOS DIGITAIS PARA A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Rodrigo dos Santos Rainha¹

Resumo: o mercado vinculado à Docência está mudando e com isso a imagem daquele que faz a formação de professores em História também precisa mudar. Novos campos de trabalho na área de educação tornam-se desafios e motivo de crítica por parte dos pares. Como medievalista, uma das novas demandas que têm aparecido como novidade no campo, é a produção de conteúdo didático digital para educação à distância. Diferente do que é imaginado, a graduação é só a ponta do *iceberg*. Neste trabalho, vamos discutir a origem da demanda, as visões sobre ela e o entendimento deste novo mercado para os medievalistas.

Palavras-chaves: Conteúdos didáticos digitais; Idade Média; Educação à distância.

¹ Doutor em História Comparada pela UFRJ. Professor Adjunto de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail rodrigo.rainha@ensineme.com.br

GREGÓRIO I E A POLÍTICA DOMÉSTICA: O PAPADO EM FACE DA ITÁLIA SUBURBICÁRIA (590-604)

Rodrigo Fernandes Vicente¹

Em um momento de guerras, pestes, e desarticulação do mundo mediterrâneo, especialmente danoso para a Itália Suburbicária, Gregório I (também conhecido como Gregório Magno, cujo pontificado se estendeu de 590 a 604) se tornou uma liderança importante nesse período. À frente do Patrimônio de São Pedro, Gregório I desenhou uma rede de contatos que o ajudou a cimentar a lealdade - ou o reconhecimento - das Igrejas ocidentais ao papado, e também de administrar com mãos de ferro a propriedade fundiária da igreja latina - que era extensa, tendo sido construída ao longo dos séculos com doações e legados de imperadores e demais aristocratas, como o próprio Gregório (que adicionou propriedades de sua própria família aos cuidados ao patrimônio da Sé). De longe, as terras do Patrimônio de São Pedro mais importantes são as da Sicília, administradas através de dois pólos - Palermo e Siracusa - com seus *rectores* respectivamente. Durante seu pontificado, Gregório redigiu 89 epístolas envolvendo, ou direcionadas, aos administradores das propriedades sicilianas. Tal preocupação valia-se de uma necessidade direta da produção agrícola dessas terras principalmente na grave crise de abastecimento dos anos 590-93 dada a cheia do Tibre e a peste que vitimou a Itália Suburbicária. Cabe a essa pesquisa, esmiuçar 1) a desarticulação do mundo mediterrâneo em que Roma necessitou de olhar para as terras próximas de si e não depender de antigos celeiros agrícolas do Império Romano - com o Egito; e 2) de como foi articulada os meios de produção dentro da ilha ao nos deparamos com as fontes gregorianas com mão-de-obra escrava e servil.

Palavras-chave : Gregório I, Papa; Sicília: Alta Idade Média.

¹ Mestrando no PPGH-Unifesp. e-mail: r.vicente@unifesp.br



O COMBATE ENTRE O DOM CARNAL E A DONA QUARESMA NO *LIBRO DE BUEN AMOR*

Rodrigo de Barros Marques

Esta comunicação apresentará o capítulo “*Pelea que ovo don Carnal con la Quaresma*” do *Libro de Buen Amor* (1330-1343), cuja autoria é atribuída a Juan Ruiz, o Arcipreste de Hita, e que narra uma história castelhana do confronto entre dois personagens seculares e o início do período litúrgico de penitência: Dom Carnal contra Dona Quaresma, personagens relacionados às festas carnavalescas e que frequentemente são abordados na literatura medieval. Sendo assim, este trabalho propõe examinar a dicotomia existente entre o pecado e a penitência, a fim de compreendermos o desenvolvimento das tradições carnavalescas na Península Ibérica durante a Baixa Idade Média.

Palavras-chave: Carnaval; Libro de Buen Amor; Arcipreste de Hita.



ENTRE O TEXTO E O CONTEXTO – OS MANUSCRITOS DO ESTADO E PRANTO DA IGREJA, TRATADO POLÍTICO DE ÁLVARO PAIS (1275-1349/51), NO OCIDENTE TARDO MEDIEVOSabina dos Santos Costa Freitas¹

A produção e circulação dos manuscritos do Estado e Pranto da Igreja, de D. Álvaro Pais, ocorreu no contexto de afirmação das monarquias e os consequentes embates com a Igreja inerentes a este processo. Franciscano, formado em Direito Civil e Canônico em Bolonha, onde também lecionou, Álvaro Pais foi um intelectual em seu tempo, circulando por diversas cidades da Cristandade e atuando em benefício dos interesses episcopais, como Bispo de Silves e como penitenciário do Papa João XXII. Escrito entre 1330 e 1332, a pedido do Papa João XXII, o Estado e Pranto foi corrigido e revisado pelo Bispo em 1335 e 1340 e aponta importantes vetores para a definição do príncipe ideal e sua atuação na sociedade medieval, objetivando o bem comum e a manutenção dos privilégios episcopais. Sabendo-se que entre os séculos XIV e XV foram feitas várias cópias da obra, parciais ou integrais, mais ou menos fiéis aos escritos originais, pretendo dissertar sobre a relevância dessa produção, a qual está acautelada em variadas bibliotecas do Ocidente Europeu.

Palavras chave: História do livro; Álvaro Pais; Portugal tardo medievo

¹ Doutoranda em História Medieval pelo PPGH – UFF. sabina.costa.freitas@gmail.com

WYCLIFFE'S WICKET: A INTERPRETAÇÃO DA TEORIA DOS DOIS CAMINHOS DE JOHN WYCLIFFE E O CRISTIANISMO DE MINORIAS NA INGLATERRA MEDIEVAL

Samuel Barbosa Junior¹

Neste trabalho sobre o teólogo e professor de Oxford John Wycliffe analisaremos sua interpretação do evangelho direcionada para a defesa de um cristianismo de minorias, na qual discute a teoria dos dois caminhos até Deus, o largo e o estreito. Para realizar essa análise utilizaremos como fonte histórica seu livro *The Wicket*, uma obra redigida no século XIV com a intenção de difundir entre as camadas populares inglesas a ideia de que o caminho certo até Deus era o estreito, este que, segundo ele, do qual a maioria dos fiéis e a própria Igreja estaria se desviando. Como metodologia para o estudo histórico-documental propomos a Análise de Discurso que, em conjunto com o estudo de autores medievalistas, nos proporcionará contextualizar o autor e pensar sua obra a partir do seu potencial de fazer circular entre as camadas populares a crítica à hierarquia católica e, em conclusão, contribuir com as ideias heréticas na Baixa Idade Média.

Palavras-chave: Baixa Idade Média; Heresias; Minorias Cristãs; Camadas Populares.

¹ Graduando em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
barbosajuniorsamuel@gmail.com



IDADE MÉDIA, O SURGIMENTO DA MODA: LEGISLAÇÃO SuntuáriaThaiana Gomes Vieira¹

Muitos autores consideram que é no final da Idade Média que a moda surge enquanto sistema, com mudanças focadas na estética, motivação de pertencimento, emulações, luxos e extravagâncias. Nessa perspectiva, a moda surge em meados do século XIV, momento de intensas transformações em variadas esferas. Consideramos pertinente avaliar o contexto da Baixa Idade Média a fim de encontrar evidências a respeito da manifestação do sistema da moda nesse período. Nesse sentido, temos o objetivo, nesta comunicação, de analisar a legislação suntuária como uma das evidências do surgimento da moda no período baixo medieval. Os principais autores que embasam a pesquisa são Gilles Lipovetsky, com a contribuição acerca do momento de surgimento da moda, sua relação com o luxo e formação enquanto sistema; Fernand Braudel, com as relações que estabelece entre moda, mobilidade, política e riqueza; Maria Muzzarelli com reflexões sobre legislações suntuárias e Michel Pastoureau com proposições detalhadas sobre detalhes que as leis apontam. A apresentação consiste no resultado de pesquisa de fontes, no caso, legislações suntuárias, no espaço da atual Europa Ocidental para o período supracitado e revisão historiográfica. Por fim, as reflexões realizadas corroboram o surgimento da moda nesse período e sugerem que a necessidade de estudos mais complexos e, também, multidisciplinares sobre o tema.

Palavras-chave: Leis suntuárias; Moda; Medieval

¹ Doutoranda thianavieira@hotmail.com



A DEMONIZAÇÃO COMO CONTROLE SOCIAL: UM ESTUDO COMPARADO DE HAGIOGRAFIAS CASTELHANAS DO SÉCULO XIII

Prof. Dr. Thalles Braga Rezende Lins da Silva¹

Esta comunicação apresenta um recorte das conclusões de uma tese de doutorado produzida, no âmbito do PPGHC-UFRJ, sobre no que consistem as demonizações presentes em hagiografias mariológicas produzidas no reino de Castela durante o século XIII. A saber, as narrativas dos *Milagros de Nuestra Señora*, de Gonzalo de Berceo, das Cantigas de Santa Maria, de Alfonso X e do *Liber Mariae*, de Juan Gil de Zamora. Em geral, as tendências bibliográficas sobre o tema apontam que as demonizações são uma forma recorrente de promover desumanizações e legitimar perseguições. No entanto, no século XIII, em Castela, foram usadas mais como um recurso para legitimar a regulação e o controle social dos diferentes grupos que compunham a sociedade. Portanto, o objetivo aqui é abordar este emprego pouco explorado da demonização.

Palavras-chaves: Demonização. Gonzalo de Berceo. Alfonso X. Juan Gil de Zamora.

¹ (PPGHC e PEM UFRJ). thalles1107@gmail.com

ENTERRAMENTOS AD SANCTOS: CONTINUIDADES E RUPTURAS NOS ESPAÇOS FUNERÁRIOS CRISTÃOS NA ANTIGUIDADE TARDIAVanessa de Mendonça Rodrigues¹

A nossa comunicação terá por objetivo refletir sobre a constituição dos espaços sagrados e espaços funerários cristãos na Antiguidade Tardia, observando as modificações em relação aos espaços funerários romanos. Para tal, discutiremos como os sepulcros dos mártires promoveram uma mudança topográfica nas áreas no subúrbio da cidade de Roma, trazendo para esses espaços os primeiros grandes edifícios cristãos. Depois disso, buscaremos analisar como os cristãos promoveram uma mudança em relação à compreensão sobre o corpo e o cadáver capaz de retirar deste a antiga mácula da poluição que os mantinha fora das fronteiras rituais da cidade antiga, permitindo sua entrada nesses espaços sagrados e, posteriormente, dentro das próprias cidades. No entanto, considerando que o túmulo não é apenas um *locus* escatológico, mas também lugar de rememoração e de reprodução social, buscaremos discutir a relação entre essas mudanças de padrão funerário e a formação da comunidade cristã, e o faremos a partir dos epitáfios das basílicas de São Pedro e de São Paulo, em Roma.

¹ Professora Mestra pelo PPGHIS/UFRJ e doutoranda pelo PPGHC/UFRJ.
vanessamrsantos@gmail.com



MARIA NA PATRÍSTICA

Vanessa das Neves Bezerra¹

A comunicação que se apresenta busca mostrar a influência e a importância que os escritos de alguns autores da patrística do século II d.C. até o século VI d.C. tiveram na formação e consolidação dos conceitos atribuídos a mãe de Jesus na mitologia cristã. Em nossa pesquisa encontramos uma série de narrativas oriundas desses escritores, pertencentes às mais variadas comunidades cristãs, fazendo menções à figura de Maria, nomeando-a com os mais variados atributos e desenvolvendo todo um pensamento acerca desta, que posteriormente inseriu-se como tradição para estas comunidades. Podemos afirmar que estes textos juntamente com os escritos canônicos serviram como norteadores da direção que o culto mariano passou a ter ao longo dos séculos, contribuindo assim na construção da imagem de Maria que perpassou por todo o período medieval e chegou até nós nos dias atuais.

Maria-Patrística-Igreja

¹ Doutoranda PPGH-UERJ. vanessa_bezerraj@yahoo.com.br

AS RELAÇÕES DE PODER NO REINO VISIGODO: A PERSPECTIVA DE JOÃO DE BICLARO SOBRE CONFLITOS E COOPERAÇÕES

Victor Cavalcante Duarte

1

A pesquisa de Iniciação Científica se vincula ao projeto “Formas de integração política no Reino Visigodo de Toledo: Os Concílios da Igreja Ibérica (s. VI-VIII)”, coordenado pelo Prof. Dr. Paulo Pachá e desenvolvido no âmbito do Programa de Estudos Medievais (PEM) da UFRJ. A comunicação pretende contribuir para demonstrar a variedade das relações entre os bispos e a monarquia visigótica, enfatizando a construção de uma narrativa que dê ênfase não só aos conflitos, mas também às contribuições entre esses poderes a depender do contexto específico. A crônica de João de Biclaro se constitui como uma fonte importante para a análise dessas relações de ambiguidade entre os poderes no reino, uma vez que aborda exemplos como a participação destacada de Leandro de Sevilha no Terceiro Concílio de Toledo e a revolta de Hermenegildo. Sendo assim, analisaremos a crônica de João de Biclaro e as atas conciliares da Igreja Ibérica - tendo em vista a participação dos bispos de Sevilha nos Concílios Gerais.

Palavras-chave: Sevilha; Visigodos; Concílios.

¹ Graduando - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). vcduarte19@gmail.com



CULPAS NÃO ASSUMIDAS: A SOLICITAÇÃO DO PERDÃO RÉGIO EM PORTUGAL (1435-1438)

Vitória de Sant’Ana Amorim Ramos¹

Durante os séculos XIV e XV, observamos em Portugal a promulgação das chamadas *cartas de perdão*, as quais buscavam amenizar, suspender ou mudar determinada pena conferida a algum súdito do reino. Neste processo, os solicitantes poderiam assumir a falha da qual eram acusados, mostrar arrependimento pelo ato cometido e justificar os seus erros a fim de convencerem o rei de que eram merecedores da sua misericórdia. Entretanto, nem sempre estes indivíduos eram culpados ou reconheciam serem culpados por aquilo de que eram acusados, apresentando em sua defesa outras explicações, tais como a índole de seus acusadores ou outros envolvidos no processo. Lançando mão destas situações, a presente comunicação terá como objetivo mapear, no decorrer do reinado de D. Duarte (1435-1438), os casos nos quais os solicitantes do perdão régio declararam inocência e não assumiram suas culpas. Observamos, como os portugueses acusados se justificaram perante o rei, bem como os valores morais apresentados a fim de obterem o indulto.

PALAVRAS-CHAVE: D. Duarte; Perdão régio; Portugal.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Franca). vitoria_s.a.ramos@hotmail.com



A FUNDAÇÃO DA GAFARIA DE SÃO LÁZARO: UMA BREVE SÍNTESE HISTÓRICA DA LEPRO NO REINO DE PORTUGAL, NA CIDADE DE COIMBRA NOS SÉCULOS (XIII-XIV)

Wanderley Mello Baptista¹

Nosso propósito neste artigo é realizar uma síntese histórica e uma breve discussão historiográfica sobre a *lepra*. Tendo como principal foco, entender o estigma social deixado em seus respectivos infectados e por fim, a criação das instituições que serviram como estabelecimentos para o isolamento dos leprosos no medievo. O recorte espacial abrange o reino de Portugal, especificamente na cidade de Coimbra. O recorte cronológico são os séculos XIII-XV, pois referem-se ao período de fundação do Hospital S. Lázaro de Coimbra em 1210 até o século XV, com o recrudescimento da *lepra* na Europa. Sendo assim, a metodologia que pretendemos utilizar será do âmbito da História Social, com o aporte teórico dos historiadores franceses Michel Foucault, Jean-Charles Sournia e Jacques Ruffié e da historiadora também francesa Françoise Bériac.

Palavras-chave: Lepra; Gafaria de São Lázaro e Estigma

¹ Pós-graduando / UERJ – Curso de Especialização em História Antiga e Medieval.
baptistawander2710@gmail.com

**IDENTIDADE CATÓLICA E GÊNERO NA PRIMEIRA IDADE MÉDIA:
REFLEXÕES A PARTIR DA HAGIOGRAFIA DE AGOSTINHO DE HIPONA
DEDICADA À MÔNICA (SÉCULO IV)**

Wendell dos Reis Veloso¹

Mônica, nasceu na cidade de Tagaste (antiga cidade da Numídia na atual Argélia) no Norte da África em 331 EC, no seio de uma família cristã católica e que viveu até o ano de 387 EC. Conhecemo-la quase que exclusivamente através de *Confessiones*, um dos mais importantes escritos de seu proeminente filho, *Aurelius Augustinus* (354-430 EC). A obra *Confissões*, de Aurélio Agostinho, é um escrito de cerca de 397 EC, cujo penejar teria como motivação primordial a prestação de contas da sua “catolicidade” aos que ainda o acusariam de ser um maniqueu renitente. Neste texto, cujo estilo se aproxima do que seria uma autobiografia dos nossos tempos, Agostinho se refere à Mônica pelo nome, ou ainda, como *mater nostra* e *mater mea*. Seguindo o esperado de uma narrativa hagiográfica, Agostinho apresenta a vida de Mônica desde a sua infância, passando pela sua criação austera, cujo objetivo seria o desenvolvimento de uma vida de virtudes, até a sua morte, destacando sempre o seu compromisso com a fé católica em um contexto de diversas possibilidades de interpretação do credo cristão. A partir das reflexões teórico-metodológicas de Michel Foucault, Judith Butler e Joan Scott, esta apresentação propõe analisar a narrativa hagiográfica sobre Mônica contida no livro IX de *Confissões*, destacando a retórica identitária cristã presente em suas relações com o dispositivo de gênero.

Primeira Idade Média - Mônica – Hagiografia - Estudos de Gênero.

¹ Doutor wendellvelo@gmail.com

A MARGINALIZAÇÃO DO FEMININO E AS ALEGORIAS MEDIEVAIS COMO ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS NOS TEXTOS MÍSTICOS DE AUTORIA FEMININA

Yasmin de Andrade Alves¹

Partindo da perspectiva de que as alegorias estão associadas à autorização e à desautorização de um texto, é possível afirmar que, do ponto de vista medieval, as mesmas funcionam como materializações das funções religiosas e políticas, com determinados fins ideológicos. Neste sentido, esta pesquisa objetiva demonstrar como a linguagem é utilizada em contextos de opressão, indo ao encontro de novas formas de expressão. Considerando estes condicionamentos, tem-se como tese que o discurso nos textos místicos medievais de autoria feminina é construído por meio de estratégias que subvertem a marginalização do feminino, sobretudo com as personificações (construções ideológicas). Tem-se, portanto, como base, o pensamento acerca das figuras alegóricas das deusas medievais proposto por Newman (2005) e a noção de cultura marginalizada do feminino e dos espaços intermediários, retomada por Chance (2007), fundamentada na ideia de fora constitutivo, de Judith Butler. Sendo assim, destacam-se as estratégias de representação ou empoderamento, independentemente do tempo em que estão situadas, sobretudo em sociedades majoritariamente orais, como é o caso do medieval, e a singularidade política do uso das línguas vernáculas, em detrimento do latim, na busca por ocupação de espaços.

Palavras-chave: Mística feminina, alegorias medievais, marginalização.

¹ Mestra em Letras – Estudos Clássicos e Medievais (PPGL/UFPB).
yasminandradealves99@gmail.com



RESUMO DE FORMAÇÃO DA SOCIEDADE JUDAICA ASQUENAZITA NA RENÂNIA MEDIEVAL

Yurhii Budzynkz¹

Ashkenaz é uma das principais comunidades (*edot*) ou subdivisões étnicas judaicas, tendo origem na comunidade judaica alemã medieval. Nesse sentido, este estudo da comunidade judaica na Renânia e em outras regiões alemãs na Alta Idade Média e Idade Média Central tem como objetivo buscar as informações que podem ser extraídas das fontes literárias, artísticas e arqueológicas acerca dos primeiros séculos da comunidade asquenazita e da sua formação, analisando-as para uma tentativa de reconstrução, da forma mais clara possível, de sua estrutura social e cultural, apontando características que influenciaram a cultura asquenazita e o judaísmo moderno, junto com uma reflexão sobre as relações entre o judaísmo medieval asquenazita "oficial" e "popular", outras tradições judaicas e a cultura gentia local, a partir das fontes e da historiografia sobre o tema.

Palavras-chave: judaísmo medieval; judeus asquenazitas; estrutura sociocultural.

¹ Graduando em História - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. yurhiibudzynkz@edu.unirio.br

